

MAICOL MARTINS DE LÓPEZ COELHO

**FORTE E BONITO COMO O BARÃO:
CIÊNCIA E PROPAGANDA NO BRASIL; INÍCIO DO SÉCULO XX**

HISTÓRIA DA CIÊNCIA

**PUC/SP
SÃO PAULO
2005**

MAICOL MARTINS DE LÓPEZ COELHO

**FORTE E BONITO COMO O BARÃO:
CIÊNCIA E PROPAGANDA NO BRASIL; INÍCIO DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em HISTÓRIA DA CIÊNCIA, sob a orientação da Profa. Doutora Márcia Helena Mendes Ferraz.

**PUC/SP
SÃO PAULO
2005**

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Às amigas e amigos que fiz no mestrado, que me acompanharam na elaboração e na conclusão deste trabalho.

À minha orientadora, por tanta ajuda, atenção e ensinamentos.

À minha família, pelo apoio em todos os momentos.

A uma amiga especial. Por ela eu comecei o mestrado.

RESUMO

Inconformado com os problemas causados por agregados em sua fazenda, Monteiro Lobato criou em 1914 o Jeca Tatu, símbolo de uma raça brasileira arreada à civilização. Em épocas anteriores, clima e miscigenação racial já eram apontados como culpados pela preguiça e indolência de parte dos brasileiros, em particular do caboclo, do caipira.

Expedições ao interior do Brasil realizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, em especial as realizadas em 1912, deram outra resposta àquela velha questão: a culpa é da doença. As análises e as conclusões dos cientistas não ficaram restritas ao relatório de viagem, dentro do Instituto; a iniciativa do médico Belisário Penna as colocou ao alcance de parte, ainda que pequena, da sociedade. Interessado no tema, Monteiro Lobato teve contato em 1918 com as idéias dos cientistas, encontrou a cura para o seu Jeca Tatu e fê-lo, ainda, divulgar algumas das conclusões formuladas após os estudos realizados durante a expedição científica. Revigorado Jeca se tornou, pouco depois, garoto-propaganda do laboratório Fontoura. Estes acontecimentos tiveram lugar em uma época em que a publicidade, em particular de medicamentos, descobriu a credibilidade que o termo ciência e seus agentes conferiam aos produtos anunciados.

Esta dissertação de mestrado permite compreender o papel da ciência na formação dos conceitos e imagens aqui apresentados. Analisa um momento da publicidade brasileira em que os anúncios de remédio avolumam-se em páginas de revista, e um momento seguinte, em que esses anúncios se valem da ciência para obter credibilidade. Analisa a origem e a transformação do Jeca Tatu, sua apropriação pela publicidade e algumas etapas da divulgação de idéias e conceitos científicos.

ABSTRACT

Unsatisfied with the problems caused by the tenants of his farm, Monteiro Lobato created Jeca Tatu in 1914 as a symbol of a Brazilian race that stood aloof towards civilization. In the past, both the climate and the miscegenation were the reasons pointed out as being the cause of the laziness and the indolence of Brazilians, especially the peasants and the Brazilian “caboclos” – half-breed of white and Indian.

The journeys inside Brazil set out by Oswaldo Cruz Institute, particularly those made in 1912, gave a different answer to that same old question: the blame rests with the disease. The analyses and conclusions reached by the scientists were not just about a record of the trip restrained to the Institute. Belisário Penna, a medical doctor, placed them within the reach of a small segment of the society. Having an interest in the matter, Monteiro Lobato familiarized himself in 1918 with the ideas of the scientists, found a cure for his Jeca Tatu, and as a result, made him spread some of the conclusions reached about the studies undergone during the scientific expedition. Invigorated as he was, Jeca became, soon after, the commercial celebrity of the Fontoura pharmaceutical laboratory. Such events took place in an era in which advertising, especially when dealing with medical drugs, granted reliability to the products through scientific backing.

The present master’s degree dissertation allows us to understand the role that science plays in the forming of the concepts and images presented herein. It analyzes a time in the Brazilian advertising when the advertisements of drugs would pile up in pages of magazines, and at a later moment, when these same ads make use of science to obtain credibility. It analyzes the origin and transformation of Jeca Tatu, its appropriation by advertising and some of the stages covered in the diffusion of ideas and scientific concepts.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I – Visões sobre o brasileiro	11
Capítulo II – Saneamento e urbanização: cenário para a mudança de concepção sobre o Brasil	30
Capítulo III – Ciência e propaganda difundindo a idéia de um novo Brasil	57
Conclusão	80
Anexo 1	84
Anexo 2	95
Bibliografia	99

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato esteve por diversos motivos insatisfeito, inconformado com o homem do Brasil, e mesmo desesperançado quanto a ele. Procurando compreender e apresentar explicações para as questões que via e presenciava, Lobato escreveu a esse respeito e assim surgiu, em 1914, o Jeca Tatu. O escritor paulista, porém, não foi o único a se ocupar com tal problema; de certa maneira, as preocupações de Lobato encontram eco nos trabalhos que passaram a ser realizados pelo Instituto Oswaldo Cruz, na mesma época. O conhecimento dos resultados desses trabalhos, e principalmente as conclusões dos médicos e cientistas fazem com que as posições de Lobato quanto ao brasileiro sejam revistas. Nesse mesmo período, laboratórios vendem remédios por meio da propaganda, e começam a utilizar a ciência para fortalecer seus argumentos de venda.

Sobre estes assuntos versará esta dissertação. O trabalho aqui apresentado pretende expor e analisar aspectos da formação de uma imagem do povo brasileiro, o surgimento, por meio da ciência, de conceitos capazes de transformar essa imagem, e as condições para que o discurso do cientista saísse da instituição científica e se difundisse. Em um primeiro momento serão abordados a criação do Jeca Tatu determinado a não acontecer, a apenas vegetar, incapaz de prosperidade, e também alguns argumentos da discussão sobre o homem americano e brasileiro,

argumentos a questionarem o sucesso de um povo miscigenado e tropical. Com esse fim serão estudadas obras de naturalistas, brasileiros e estrangeiros, que ao longo do século XIX escreveram sobre o país e a sua população; na seqüência, serão expostas idéias de pensadores que versaram sobre a desigualdade das raças e sobre a miscigenação brasileira, pensadores que, conforme atesta o próprio, influenciaram o pensamento do criador do Jeca Tatu.

Em um segundo momento esta dissertação de mestrado abordará, entre os trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz no começo do século passado, as expedições científicas ao interior do Brasil, em particular a expedição chefiada por Arthur Neiva e Belisário Penna. O relatório desta viagem apontou o descaso e o abandono do sertanejo, sujeito então a doenças, como explicação para a apatia e a preguiça dessa população. Do relatório foi originado um livro, *Saneamento do Brasil*, de autoria de Belisário Penna, descrevendo as endemias que assolam o país e idealizando planos de higiene e saneamento, com a intenção de combatê-las. Chegando a Monteiro Lobato, o livro leva o escritor a publicar uma série de artigos comentando a situação do país, nos quais Lobato revê a sua posição a respeito do Jeca Tatu, desculpando-o, até que no conto *Jeca Tatu e a ressurreição* é apresentada a cura e reabilitação do Jeca. Esta segunda parte é encerrada com uma exposição do desenvolvimento urbano, em especial da cidade de São Paulo, e do surgimento da publicidade como instrumento de comunicação destinado a atingir grande parcela do público.

O terceiro capítulo abordará a alfabetização no Brasil e no estado de São Paulo, em especial, para na seqüência analisar peças publicitárias das duas

primeiras décadas do século XX, com especial atenção quanto à presença da ciência no discurso dessas peças. Para tanto foram selecionados alguns anúncios de preparados ou remédios, ligados à saúde. Finalizando este trabalho, será abordado novamente o Jeca Tatu; desta vez, porém, a versão publicitária do trabalho de Monteiro Lobato, o *Jeca Tatuzinho*, preocupada em levar a público algumas das idéias de Belisário Penna sobre a ancilostomose, e preocupada em vender a Ankilostomina e o Biotônico Fontoura, entre outros produtos, a fim de curar e fortalecer o sertanejo.

CAPÍTULO I

VISÕES SOBRE O BRASIL

Cidade de São Paulo, antevéspera do Natal de 1914; o jornal *O Estado de São Paulo* publicou, na edição daquele dia, o artigo “Urupês”, assinado por Monteiro Lobato, seqüência de um artigo anterior, “Uma velha praga”¹:

“O caboclo é soturno.
Não canta senão rezas lúgubres.
Não dança senão o catererê aladainhado.
Não esculpe o cabo da faca, como o cabila.
Não compõe sua canção, como o felá do Egito.
No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escachô permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.
Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.
Só ele, no meio de tanta vida, não vive...”²

Este severo pessimismo de Monteiro Lobato, contrapondo uma natureza rica e fértil ao inepto caboclo, formou-se a partir da experiência do escritor em gerir uma

¹ “Uma velha praga” foi publicado no dia 12 de novembro de 1914. Lobato, indignado com as queimadas promovidas pelos caboclos, escreveu carta à seção de reclamações e queixas do jornal *O Estado de São Paulo*, que decidiu deslocá-la para o corpo principal do jornal. A matéria ganhou destaque e inesperada repercussão. C. L. de Azevedo, M. Camargos & V. Sachetta, *Monteiro Lobato: furacão na botocúndia*, p. 56.

² M. Lobato, *Urupês*, p. 176.

fazenda, na região do vale do Paraíba. Herança recebida de seu avô, o Visconde de Tremembé, a fazenda do Buquira o envolveu em projetos audaciosos, de modo a torná-la rendosa, e também em muito trabalho e problemas. Acometido por dificuldades econômicas e percalços diversos com a administração da herança recebida, Lobato começou a formar a sua opinião a respeito do homem da roça; a cada dia o escritor se espantava com o desrespeito dos caboclos frente à natureza da qual retiravam alimento e abrigo, e criticava a maneira como destruíam a caça nativa, derrubavam velhas árvores e queimavam a floresta.³ Monteiro Lobato escreveu a respeito:

“Foi assim o caso. Em 1914, nos primeiros meses da guerra, o autor não passava de humilde lavrador, incrustado na serra da Mantiqueira. Terrível ano de seca foi aquele! O fogo lavrou durante dois meses a fio, com fúria infernal. O céu toldado, o ar espesso, o crepitar permanente das matas em chama, a fumarada invadindo a casa, os olhos a arderem...

Um fim de mundo.

E sempre más notícias, a toda hora.

– Rebentou outro fogo no Varjão! – vinha dizer um agregado...

Mal se ia aquele, vinha outro:

– Patrão, o Trabiju está queimando!

– Então, já seis?

– É verdade. Há o fogo do Teixeira, o fogo do Maneta, o fogo do Jeca...

– Fogos *signés!*... Que patifes! Mas não de pagar. Denuncio-os todos à polícia.

O capataz sorriu.

– Não vale a pena. São eleitores do governo. O patrão não arranja nada.

– Mas não haverá ao menos um incendiário opositor que possa pagar o pato?

– Não vê! Caboclo é ali firme no governo justamente p’r’amor do fogo.

³ C. L. de Azevedo, M. Camargos & V. Sachetta, *op. cit.*, pp. 52-6.

Tinha razão o homem. Eram todos do governo. E o eleitor da roça, em paga da fidelidade partidária, goza-se do direito de queimar o mato alheio.”⁴

O caboclo retratado por Lobato em “Urupês” recebeu o nome de Jeca Tatu; Jeca por ser assim chamado o neto de uma velhinha conhecida do escritor, vinte anos antes do artigo ser publicado, por ele descrito como feio, magruço, arisco, desconfiado e sem jeito de gente, descrição que se encaixava na personagem; e Tatu, em virtude das reclamações que o capataz da fazenda tinha sobre o tatu que lhe estragava as roças de milho. Assim, antes apenas esboçado em “Uma velha praga”⁵, é em “Urupês” que o Jeca Tatu ganha seu nome e tem suas irremediáveis características negativas consolidadas.⁶

Estes dois artigos de Monteiro Lobato foram publicados em meio à consternação vigente no país pela eclosão da Primeira Guerra Mundial; com eles, o autor procurou chamar a atenção para os problemas locais, como visto logo no início de “Velha Praga”⁷:

“Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos “vons” alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros. Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o jogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico”.⁸

⁴ M. Lobato, *Urupês*, pp. 157-8.

⁵ Em “Uma velha praga” Jeca Tatu está presente; nesse artigo, todavia, ele não é a principal personagem, mas apenas um nome genérico (como também Chico Marimbondo ou Manoel Peroba) com que Lobato denomina os indivíduos responsáveis pelas queimadas no Vale do Paraíba.

⁶ C. L. de Azevedo, M. Camargos & V. Sachetta, *op. cit.*, p. 58.

⁷ O artigo “Uma velha praga” recebe, na edição de *Urupês* consultada para a elaboração desta dissertação, o título “Velha praga”.

⁸ M. Lobato, *Urupês*, p. 159.

Ao combater a queimada, Lobato condenou seu executor, o caboclo, “espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização”.⁹ Comparando-o a outras raças¹⁰, o escritor afirmou, em “Urupês”¹¹, que

“a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígene de tabuinha no beíço, uma exista a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.”¹²

Monteiro Lobato não foi a primeira voz a proclamar idéias de superioridade racial, tampouco o primeiro a declarar parte ou toda a população brasileira¹³ como condenada à impossibilidade de constituir uma nação. Tal polêmica não se restringiu, ainda, apenas ao Brasil, mas a viabilidade da natureza e do homem na América – em comparação com a Europa – foi discutida em épocas anteriores.

⁹ *Ibid.*, p. 161.

¹⁰ Monteiro Lobato utiliza o termo “raça” sem se preocupar com uma definição clara, característica do período em que vive. Ver N. T. Lima & G. Hochman, “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”; G. Seyferth, “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”; e J. de S. Ramos, “Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20”, in M. C. Maio & R. V. Santos, *Raça, Ciência e Sociedade*, pp. 23-82.

¹¹ Ainda que pesadas, as críticas de Monteiro Lobato ao caboclo publicadas nos artigos não atingiram o patamar de violência presente em algumas de suas cartas. Em resposta ao amigo Heitor de Moraes, carta datada de 17 de agosto de 1916, Lobato escreveu: “Farto ando da roça e de me aborrecer diariamente com a maior peste que Deus ou o Diabo botou no mundo para eterno castigo dessa bêsta de carga que é um fazendeiro norte-paulista: o caboclo. Oh! Quadrúmanos! Oh! quadrúpedes (ainda não me afirmei em que espécie eles residem) vagabundos! Que horror têm eles ao trabalho! Suspiro pelo domínio alemão no mundo, porque só o alemão, conquistando êste país, teria o topete bastante para revogar a Lei 13 de Maio, pichar a caboclada e pô-la a substituir o negro no eito, sob vistas de truculentos feitores armados de uma máquina de surrar aperfeiçoadíssima, movida a eletricidade.” M. Lobato, *Cartas escolhidas*, p. 154.

¹² M. Lobato, *Urupês*, p. 167.

¹³ Belisário Penna, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, escreveu em seu livro *Saneamento do Brasil* (publicado em 1918, será abordado ao longo dos capítulos 2 e 3 desta dissertação) que quando moço atribuía a indolência e apatia do povo brasileiro ao analfabetismo generalizado, e também à facilidade que este tinha em obter, de uma terra vasta e fértil, com esforço insignificante, o indispensável para prover suas poucas necessidades – idéia semelhante às expressas por Monteiro Lobato. Em B. Penna, *Saneamento do Brasil*, p. 30.

O abade Cornellie de Pauw, em obra de 1768¹⁴, ao discutir os índios americanos, os considerou selvagens pouco mais do que animais, avessos às leis da sociedade e contrários à educação; viveriam cada um por si, sem se ajudarem, inertes. Pauw afirmou que os americanos eram tão débeis que o menos vigoroso dos europeus os venceria em uma luta; possuíam menos sensibilidade, menos humanidade, menos gosto, menos instinto, menos coração e menos inteligência, sendo irremediavelmente indolentes e incapazes de progresso mental.¹⁵

José Bonifácio de Andrada e Silva, naturalista brasileiro com intensa atuação política na época da independência do Brasil, tinha por sua vez opinião favorável, tanto em relação ao índio brasileiro, como quanto à miscigenação do índio com o negro e com o branco. Para Bonifácio, os mestiços da província de São Paulo – maior contingente da população paulista àquela época – constituíam uma raça forte e ativa, exemplo de que a miscigenação era possível. Os índios deveriam aceitar os hábitos dos europeus, sua língua e sua dieta, maneira de vestir, seu comércio e sua agricultura, e também a forma de morar, o casamento e a religião. Tal assimilação, porém, teria que ser acompanhada pela fundamental miscigenação, de modo que algumas características indígenas fossem anuladas, conservando-se outras.¹⁶

Alguns naturalistas estrangeiros, à semelhança de Monteiro Lobato, antecedendo-o, também teceram comentários a respeito do caráter do brasileiro, principalmente após a concessão da independência brasileira perante a coroa

¹⁴ Intitulada *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants ppour servir à l'histoire de l'espèce humaine*; ver A. Gerbi, *O novo mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*, p. 56.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 56-9.

¹⁶ A. G. dos Santos, *O projeto civilizatório de José Bonifácio para o Brasil do século XIX: um estudo dos "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil"*, p. 5 e pp. 87-8.

portuguesa – à época do Brasil colônia, pouco era divulgado sobre o país no exterior; os naturalistas que por aqui estiveram, portugueses ou brasileiros, foram impedidos de publicarem seus estudos e suas descobertas. Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, este panorama tomou outra forma, por meio de nova postura adotada pelo governo brasileiro, agora a permitir que naturalistas e estudiosos europeus façam o reconhecimento das terras do país.¹⁷

Os naturalistas – em grande parte estrangeiros – podem se deslocar com liberdade pelas terras do Brasil, compondo seus relatos sobre animais, plantas, solo, paisagens, costumes, população, clima e doenças. Saint-Hilaire, naturalista francês, aqui chega em 1816 e permanece por seis anos, visitando o sul, sudeste e parte do atual centro-oeste.¹⁸ Interessado em botânica, em alguns momentos o naturalista faz comentários sobre doenças disseminadas entre a população, como por exemplo o bócio:

“Tendo descido dessa pequena plataforma, entramos no vale. Era dia de festa, e os habitantes da vizinhança se dirigiam em grande número para a igreja. Todos estavam vestidos com limpeza: as mulheres traziam vestidos brancos, uma espécie de jaquetão de pano e um chapéu de feltro, mas as pernas e pés estavam nus. Quase todos os que encontrávamos, homens e mulheres, brancos e gente de cor, tinham um grande bócio, e, nesse local assim como nos vales da Europa em que essa enfermidade é comum, se atribue à frialdade das águas”.¹⁹

Em outra passagem, ao visitar minas de ferro próximas à Itabira, em Minas Gerais, Saint-Hilaire faz observações a respeito do caráter dos brasileiros: quando o

¹⁷ A. M. Alfonso-Goldfarb e M. H. M. Ferraz, “Las miradas extranjeras/autóctonas sobre la Terra Brasilis independiente: ciencia y salud entre el imperio y la republica”, in F. J. P. Sarmiento *et alii*, coords, *1898 sanidad y ciencia em España y Latinoamérica durante el cambio de siglo*, pp. 43-4.

¹⁸ A. de Saint-Hilaire, *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, pp. 3 e 17.

¹⁹ *Ibid.*, p. 67.

intendente dos diamantes ausenta-se das minas, a atividade produtiva diminui, esmorece. O naturalista afirma que em

“uma região em que o calor convida à preguiça, em que o homem tem poucas necessidades, onde o trabalho, de certo modo é considerado uma vergonha, e parece dever ser somente coisa de escravos, nada é tão difícil como radicar operários livres; por isso o administrador calculava que mensalmente havia, em geral, um milheiro de dias de trabalho perdidos.”²⁰

Outros naturalistas também teceram comentários sobre a população. Spix, zoólogo, e Martius, botânico, vieram ao Brasil junto com a comitiva da arquiduquesa austríaca D. Leopoldina, futura imperatriz do Brasil. Spix e Martius viajaram pelo país entre 1817 e 1820, analisando e comentando diversos aspectos da terra que exploravam – entre estes, por exemplo, comentários sobre população, miscigenação e caráter:

“as narrações de escritores mais antigos descrevem os paulistas como um povo sem leis, avesso a qualquer restrição regulada pelos costumes e sentimentos (...). Atualmente, porém, essa natureza rude se suavizou, e o paulista goza, em todo o Brasil, da fama de grande franqueza, coragem invencível e romântico gosto para aventuras e perigos. (...) Que os primitivos imigrantes se cruzaram freqüentemente com os índios da vizinhança, ninguém duvida (...) Com razão se considera o paulista o mais forte, saudável e enérgico habitante do Brasil. (...) Pode-se em geral descrever o caráter do paulista como melancólico e de um gênio um tanto forte. De certo modo indica no sentido moral a zona em que habita; pois, quanto mais próximo do equador, tanto mais pronunciado se encontra o gênio suscetível de cólera e irritável.”²¹

Spix e Martius relatam, em outro momento, um caso de atendimento médico ministrado por sua expedição a um escravo doente, em Ipanema, localidade próxima a Sorocaba. O resultado do tratamento leva os autores a considerarem que

²⁰ *Ibid.*, pp. 133-4.

²¹ K. F. P. Von Martius e J. B. Von Spix, *Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*, vol. I, p. 5, p. 21 e pp. 120-1.

“esta experiência pareceu-nos confirmar a opinião, pela qual o fisiólogo é levado a crer, e por muitas outras razões, que o europeu é superior aos homens de cor pela intensidade da vida nervosa, e supera de modo todo específico, tanto somática como psiquicamente, as demais raças. Já foi observado por diversos autores talentosos que algumas raças, embora organizadas de modo idêntico, são, entretanto, qualificadas mais ou menos perfeitamente em diferentes sentidos, e que o europeu compensa as qualidades físicas inferiores com um desenvolvimento superior dos órgãos e forças intelectuais. Se, por exemplo, o homem da raça caucásica é de fato inferior ao negro em mobilidade e potência sexual, ao indígena americano em constituição robusta e vigorosa, em força muscular, resistência e longevidade, e a este, como ao mongólico, em agudeza dos sentidos; todavia, ele supera a todos em beleza do corpo, em precisão simétrica das proporções e atitude, e no desenvolvimento moral livre, independente e universal do espírito.”²²

Ainda fazendo considerações sobre raças e buscando estabelecer uma hierarquia, Martius e Spix afirmam que a natureza do branco exerce preponderância sobre índios, etíopes e mestiços, ascendência esta maior ainda sobre o indivíduo negro, que “não sendo, porém, dotado de verdadeira e firme coragem, e somente por isso, diante da inata superioridade do branco, deixa-se submeter e subjugar psiquicamente pela vontade firme deste.”²³

As observações destes naturalistas ilustram que a idéia de superioridade racial e determinismo climático estava presente em trabalhos sobre o Brasil desde pelo menos a primeira metade do século XIX; com o advento da República, a partir de 1889, o debate sobre a identidade nacional ganha mais força. Se era freqüente a opinião de que o país não constituía uma nação, por sua vez a viabilidade de

²² *Ibid.*, p. 144

²³ *Ibidem*; para mais detalhes a respeito das idéias dos autores sobre raça, ver K. M. Lisboa, *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*, especialmente pp. 77-84 e pp. 134-209.

construção nacional apresentava diversas correntes de pensamento. Uma delas pregava que

”os obstáculos representados pela base racial eram insuperáveis. Influenciados por teóricos como Gobineau, Agassiz e Le Bon, [alguns intelectuais] só viam num programa intenso de imigração uma saída favorável para a nação brasileira. Nessa perspectiva, o grande problema da nacionalidade radicava-se no povo que, no limite, deveria ser substituído.”²⁴

Quando estudante, Jean Louis Rodolphe Agassiz recebeu de Martius (em virtude da morte de Spix em 1826) a tarefa de descrever os peixes colecionados no Brasil. Desde então Agassiz alimentou a idéia de visitar o país, com o fim de estudar, obter “resultados científicos” e enriquecer com coleções o museu de Cambridge, do qual participara ativamente do processo de fundação²⁵. O livro que descreve a viagem efetuada entre abril de 1865 e julho de 1866 – *Viagem ao Brasil*, escrito pela esposa do naturalista, Elizabeth Cary Agassiz – relata os preparativos para a viagem, a viagem, descreve as espécies animais e vegetais encontradas, descreve a população e seus costumes, paisagens, encontros com os brasileiros e características do país e do povo.

Ao comentar sobre as instituições sociais e políticas dos brasileiros, a sra. Agassiz cita o aspecto de depauperamento e fraqueza da população brasileira, mais acentuado nas províncias ao norte do que no sul. Considerando que o amálgama de raças presente no país é característico de sociedades em que está vigente o sistema de escravidão, a escritora observou que no Brasil “essa mistura parece ter

²⁴ N. T. Lima & G. Hochman, “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República”, in M. C. Maio & R. V. Santos, orgs., *Raça, ciência e sociedade*, pp. 26-7.

²⁵ J. L. R. Agassiz & E. C. Agassiz, *Viagem ao Brasil*, pp. 9-10.

tido sobre o desenvolvimento físico uma influência muito mais desfavorável do que nos Estados Unidos. É como se toda a pureza do tipo houvesse sido destruída e resultasse um composto vago, sem caráter e sem expressão.”²⁶ Neste ponto Louis Agassiz insere uma nota de rodapé que vale a pena reproduzir:

“Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades, quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu. Numa época em que o novo estatuto social do negro é, para os nossos homens de Estado, uma questão vital, seria bom aproveitar a experiência de um país onde a escravidão existe, é verdade, mas onde há mais liberalismo para com o negro do que nunca houve nos Estados Unidos. Que essa dupla lição não fique perdida! Concedamos ao negro todas as vantagens da educação; demos-lhes todas as possibilidades de sucesso que a cultura intelectual e moral dá ao homem que dela sabe aproveitar; mas respeitemos as leis da natureza e, em nossas relações com os negros, mantenhamos, no seu máximo rigor, a integridade do seu tipo original e a pureza do nosso”.²⁷

Outro pensador que se dedicou a falar das diferentes “raças”, citando inclusive o Brasil, é Gustavo Le Bon, citado por Lobato em 1918 em seu texto “Início de ação”²⁸. Por isso mesmo, esta dissertação abordará agora mais longamente as idéias de Le Bon, que inicia seu livro *Leis psicológicas da evolução dos povos a*

²⁶ *Ibid.*, pp. 364-6.

²⁷ *Ibid.*, p. 366.

²⁸ “(...) o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial. É preferível optarmos pela doença. Dest’arte coincidirá a lição científica, que afirma ser doença, com os anhelos do nosso amor próprio, que prefere a confissão de doença á confissão desalentadora da incapacidade. Respiramos hoje com mais desafogo. O laboratório da-nos o argumento por que ansiávamos. Firmados nele contraporemos á condenação sociológica de Le Bon a voz mais alta da biologia”. M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, pp. 297-8.

discorrer sobre o engano e as perniciosas conseqüências das idéias igualitárias, idéias estas que

“não valeriam talvez menos que as velhas ilusões que outrora nos guiavam, se não fossem de encontro à inabalável rocha das desigualdades naturais. Como a velhice e a morte, tais desigualdades fazem parte das iniquidades aparentes de que a natureza está cheia e que o homem tem de sofrer”.²⁹

O capítulo II do terceiro livro da obra de Le Bon, intitulado “Aplicação dos princípios precedentes ao estudo comparado da evolução dos Estados Unidos da América do Norte e das repúblicas hispano-americanas”,³⁰ ocupa-se em demonstrar que a alma de um povo termina por reger os destinos deste, a despeito das instituições. Para este fim o autor elege como região de estudo a América, caracterizada por viverem, uma ao lado da outra e em condições de meio pouco diferentes, duas raças européias, civilizadas e inteligentes, com apenas o caráter divergente: ingleses e espanhóis, raças que Le Bon considera superiores – tendo os ingleses atingido o nível máximo de civilização, com espanhóis um pouco inferiores –, são os responsáveis pela conquista e colonização de cada um dos territórios.³¹

Vivendo em constituições republicanas semelhantes, pois as repúblicas sul-americanas tomaram como modelo os Estados Unidos, prossegue Le Bon, apenas as diferenças entre as raças explicam a diferença de desenvolvimento entre os diversos povos da América, com vantagem para os anglo-saxões: do mesmo nível intelectual que as outras civilizações superiores, destacam-se no pragmatismo, na força de vontade, no otimismo e no desprezo pelo estrangeiro, a ponto de, para com

²⁹ G. Le Bon, *Leis psicológicas da evolução dos povos*, pp. 5-11.

³⁰ *Ibid.*, pp. 115-26.

³¹ *Ibid.*, pp. 30-1 e pp. 115-6.

este, toda regra moral desaparecer. O inglês não hesita em considerar legítimos atos praticados contra outros povos que, conforme o autor, provocariam profunda indignação se aplicados contra seus compatriotas.³²

Le Bon afirma que, em qualquer lugar do globo para onde emigre, aí o povo inglês preponderará, seja exterminando uma raça fraca e pouco utilizável como os peles vermelhas americanos, seja reduzindo uma raça numerosa e produtiva, como a população da Índia, à vontade de seus senhores. “É, porém, num país novo, como a América, que devemos principalmente acompanhar os progressos espantosos devido à constituição mental da raça inglesa”.³³ Prossegue o autor que “nos Estados Unidos só é possível prosperar quem possua as qualidades de caráter que acabamos de indicar”, e as

“condições de existência são tais que todos aqueles que não possuam as qualidades indicadas estão condenados a desaparecimento rápido; nesta atmosfera, saturada de independência e de energia, só pode viver o anglo-saxão; o italiano morre aí de fome, o irlandês e o negro conseguem vegetar em condições perfeitamente subalternas”.³⁴

Uma vez expostas considerações a respeito da constituição e do caráter da população dos Estados Unidos, Le Bon passa a discutir o destino de um, em suas palavras, país quase semelhante, nas mãos de uma raça muito inteligente, porém sem possuir as qualidades de caráter anteriormente discutidas. A América do Sul é uma das regiões mais ricas do globo, com população de origem espanhola e portuguesa, dividida em numerosas repúblicas. Porém,

³² *Ibid.*, pp. 116-8.

³³ *Ibid.*, p. 120.

³⁴ *Ibid.*, pp. 120-1.

“pelo fato de a raça ser diferente e lhe faltarem as qualidades fundamentais que possui a raça que povoa os Estados Unidos, todas estas repúblicas, sem exceção, são presa perpétua da mais sangrenta anarquia e, não obstante as extraordinárias riquezas do seu solo, sossobram, umas após as outras, em delapidações de toda espécie, falências e despotismos.”³⁵

Le Bon afirma que a origem da decadência das repúblicas latino-americanas está na constituição mental de uma raça sem energia, sem vontade e tampouco moralidade. A república Argentina, república apenas no nome, não passaria de uma oligarquia de indivíduos ocupados em fazerem da política, negócio. Apenas um país, o Brasil, escapara um pouco a tão profunda decadência, visto que o regime monárquico colocava o poder distante de competidores. Porém, demasiadamente liberal para raças sem energia e sem vontade, a monarquia brasileira permitira, conforme Le Bon, que o país caísse em completa anarquia.³⁶

Ao concluir sua análise sobre a América, Le Bon escreveu que

“não é só na política, muito naturalmente, que se manifesta a decadência da raça latina que povoou a América, mas sim em todos os elementos da civilização. Reduzidas aos seus próprios recursos, estas desgraçadas repúblicas regressariam ao barbarismo puro; toda a indústria e todo o comércio está em mãos de estrangeiros: ingleses, americanos e alemães. Valparaíso é uma cidade inglesa e nada ficaria no Chile se lhe tirassem os estrangeiros; mercê destes é que estas regiões conservam ainda um verniz de civilização que ilude a Europa. A república Argentina tem quatro milhões de brancos de origem espanhola; não sabemos se poderemos citar um branco que seja, além dos estrangeiros, que se encontre à frente duma indústria verdadeiramente importante.

Esta terrível decadência da raça latina, abandonada a si mesma, posta em confronto com a prosperidade da raça inglesa numa região vizinha, é uma das mais sombrias, mais tristes e, ao mesmo

³⁵ *Ibid.*, p. 124.

³⁶ *Ibid.*, pp. 124-5.

tempo, das mais instrutivas experiências que podemos citar para apoio das leis psicológicas que expusemos.”³⁷

O Brasil e a “raça” aqui encontrada foi tema também de Joseph-Arthur de Gobineau, o Conde de Gobineau, ministro da França junto à corte de D. Pedro II entre abril de 1869 e maio de 1870. Em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* (publicado na mesma época em que o casal Agassiz escreveu seu livro sobre o Brasil) Gobineau proclama a incontestável superioridade dos arianos, responsáveis por todos os avanços materiais e morais da civilização. O contato e cruzamento da raça ariana com as demais raças, impuras e inferiores, a levaria à decadência e extinção e, como consequência, à decadência e extinção da humanidade.³⁸ O diplomata considerava os brasileiros mulatos de baixa categoria, viciados no sangue e no espírito. Como resultado da miscigenação, Gobineau afirmava que inexistiam famílias brasileiras sem sangue negro ou indígena, de modo que seus descendentes apresentavam naturezas raquíticas, que se não chegassem a ser repelentes, eram sempre desagradáveis. Tais misturas fatalmente levam à destruição de uma raça ou, no mínimo, à sua degradação. O imperador foi um brasileiro – talvez o único – que Gobineau considerou digno de respeito, por ser ariano puro, ou senão, quase.³⁹

A miscigenação não constituía o único flagelo do brasileiro. O clima quente e úmido do Brasil tropical somava-se ao infortúnio racial que abatia a população, tornando-a desmotivada, fraca e doente. Já no ano de 1687 o médico português João Ferreira da Rosa, chamado à cidade de Recife em virtude de uma epidemia de

³⁷ *Ibid.*, pp. 125-6.

³⁸ T. R. de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*, pp. 143-5.

³⁹ G. Raeders, *O conde de Gobineau no Brasil*, pp. 79-83.

febre amarela, decretou serem os vapores levantados da terra e das cavernas, somados ao excesso de sol e de chuva, os responsáveis pela doença. Como profilaxia, o médico recomendou ações como acender fogueiras nas ruas, perfumar o ar das ruas e das casas, limpar e caiar casas, varrer ruas, lavar ou queimar roupas e colchões dos doentes, isolá-los e, ainda, disparar tiros de canhão ao amanhecer e ao entardecer, de modo que espantassem os vapores malignos.⁴⁰

A preocupação com o clima e as doenças a ele relacionadas foram objeto de José Maria Bontempo, médico português vindo de Angola em 1808 para trabalhar na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Descrevendo essa cidade como privada de ar, em que material em fermentação tornava a atmosfera pútrida, consequência dos montes e montanhas que rodeiam a cidade, Bontempo sugeriu que o terço superior das montanhas fosse cortado, de modo a melhorar a ventilação da cidade. Ao perceber a impossibilidade de execução de tal idéia, o médico propôs o corte da mata como alternativa, pois o entrelaçamento das árvores privava espécies vegetais menores do contato com a luz solar, além de permitir a existência de grande número de insetos e animais que, ali morrendo, combinados com a umidade e o calor, tornavam o ar impuro.⁴¹

Na formação de uma imagem pessimista sobre o Brasil e a população brasileira somam-se, às idéias de inferioridade racial e às opiniões que declaram a inconveniência do clima úmido e quente – em oposição ao salutar clima ameno europeu –, as epidemias que assolaram o Brasil por volta da virada para o século

⁴⁰ J. A. Barrio, *As idéias e o projeto de Saturnino de Brito*, pp. 7-8.

⁴¹ A. M. Alfonso-Goldfarb & M. H. M. Ferraz, *op.cit.*, p. 45.

XX. Julia Andrade Barrio, em seu já citado trabalho *As idéias e o projeto de Saturnino de Brito*, escreveu a respeito das doenças que acometiam cidades portuárias como o Rio de Janeiro e Santos. Responsáveis pelo escoamento das riquezas produzidas no país e locais de entrada de imigrantes, a importância dos portos obrigou o governo da época a tomar medidas em relação ao aparelho sanitário para a defesa da saúde pública, a fim de sanear essas cidades.⁴²

Em parte consequência da urbanização desordenada de São Paulo e Rio de Janeiro, levando à aglomeração de pessoas em cortiços, em meio a terríveis condições de higiene, doenças como febre amarela, varíola, malária e tuberculose eram disseminadas com facilidade e rapidez. A doença de Chagas, a malária, a ancilostomose acometiam pessoas que ficavam entregues à própria sorte, sem assistência – ainda que, em alguns casos, estivessem em um meio que dispusesse de recursos financeiros.⁴³

Em meio a epidemias, a última década do século XIX presenciou diversos conflitos entre as autoridades médicas e sanitárias brasileiras. Como exemplo, os surtos de cólera ocorridos entre 1893 e 1895, no estado de São Paulo, provocaram debates entre o médico carioca Adolpho Lutz e os opositores⁴⁴ à idéia do vibrião – estes sustentavam que o cólera eram diarreias ocasionadas por fatores telúricos e alimentares locais; já as pesquisas realizadas por Lutz no Instituto Bacteriológico de

⁴² J. A. Barrio, *op. cit.*, p. 3.

⁴³ *Ibid.*, pp. 13-7.

⁴⁴ Max Von Pettenkofer, respeitado nome da saúde pública alemã, era adversário de Roberto Koch, identificador do bacilo colérico. A teoria de Von Pettenkofer sobre o cólera servia aos higienistas brasileiros adversários de Lutz por explicar, por analogia, a transmissão da febre amarela. Em J. L. Benchimol, “Adolpho Lutz: um esboço biográfico”, p. 33.

São Paulo, isolando os vibriões, foram verificadas no Rio de Janeiro por Oswaldo Cruz e outros pesquisadores⁴⁵.

O movimento a pregar a higiene e o saneamento ganhou força no Brasil do início do século XX, assim como a idéia de uma ciência do melhoramento da hereditariedade humana, a eugenia, palavra cunhada por Francis Galton em 1883. Galton acreditava ser possível estudar a hereditariedade por meios estatísticos, e acreditava também que grande parte das características físicas, morais e mentais humanas fossem herdadas. A idéia de melhoramento de Galton não se limitava a eliminar as doenças hereditárias conhecidas, mas também consistia na seleção de características favoráveis, a partir do encorajamento de determinadas uniões.⁴⁶

Surgiram, não apenas no Brasil mas também em locais como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a França e a Rússia, diversas sociedades específicas. Uma delas, a Sociedade Eugênica de São Paulo, foi fundada em 1918, com a participação do médico Renato Kehl.⁴⁷ Em 1931 Kehl criou a Comissão Brasileira de Eugenia, da qual participou, entre outros, o médico Belisário Penna. A comissão tinha como objetivo esclarecer o significado da eugenia e levar à Assembléia Constituinte assuntos eugênicos, em particular os relacionados à imigração e à miscigenação.⁴⁸

A imigração estrangeira, a mudança de regime político, a industrialização e o fim do escravismo contribuíram para a controvérsia quanto às novas maneiras de

⁴⁵ Entre eles, Francisco Fajardo, Chapot Prévost e Benedito Ottoni. *Ibid.*, pp. 32-3.

⁴⁶ W. Stefano, *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva "mendeliana"*, pp. 4-5.

⁴⁷ L. A. Castañeda, "Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl", in *VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 1997, Rio de Janeiro. Anais do VI Seminário Nacional da SBHC*, p. 253.

⁴⁸ W. Stefano, *op. cit.*, pp. 5-8.

encarar a profilaxia e o tratamento de doenças, tanto em núcleos urbanos quanto rurais do Sudeste brasileiro. Ao final do século XIX diversas unidades da federação preparavam serviços de higiene próprios, contando com laboratórios de análises químicas e bacteriológicas. Ainda que levasse algum tempo até que tais serviços se tornassem realidade na maioria dos estados, em São Paulo e no Rio de Janeiro a bacteriologia teria papel fundamental na abordagem dos problemas sanitários.⁴⁹

Miscigenação, umidade, calor e doenças compunham o cenário pessimista corrente à época da virada do século – cenário que pregava a impossibilidade da civilização brasileira. “Que o país não constituía uma nação era voz corrente: no máximo reunia províncias pouco integradas, transformadas em estados pela constituição republicana de 1891. Nenhum sentimento de nacionalidade era percebido no povo brasileiro”⁵⁰, e a sua composição étnica era vista, no início do século XX, como fator decisivo para a chance de enfim o Brasil constituir a almejada nação⁵¹. Com o território ocupado por uma população fraca e desinteressada da tarefa de formar um país, Jecas Tatus cujo ideal se limitava a subsistir, a visão pessimista do Brasil era forte o bastante para contrapor-se à literatura romântica e regionalista de então – o real era muito mais feio que a literatura. Nas palavras de Monteiro Lobato, ao abrir *Urupês*:

“Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Rondons que, ao invés de imaginarem índios num gabinete, com reminiscências de Chateaubriand na cabeça e a *Iracema* aberta sobre os joelhos, metem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho.

⁴⁹ J. L. Benchimol, “Adolpho Lutz: um esboço biográfico”, p. 32.

⁵⁰ N. T. Lima & G. Hochman, *op. cit.*, p. 26.

⁵¹ T. R. de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*, p. 132

Morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como o sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas, que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d'alma e corpo.

Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci.”⁵²

⁵² M. Lobato, *Urupês*, pp.165-6.

CAPÍTULO II

SANEAMENTO E URBANIZAÇÃO:

CENÁRIO PARA A MUDANÇA DE CONCEPÇÃO SOBRE O BRASIL

“O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “caboclismo”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; o ocará virou rancho de sapé: o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras.

Este setembrino rebolar duma arte morta inda se não desbagoou de todos os frutos. Terá o seu “I Juca-Pirama”, o seu “Canto do Piaga”, e talvez dê ópera lírica.

Mas, completado o ciclo, virão destroçar o inverno em flor da ilusão indianista os prosaicos demolidores de ídolos – gente má e sem poesia. Irão os malvados esgaravatar o ícone com as curetas da ciência. E que feias se hão de entrever as caipirinhas cor de jambo de Fagundes Varela! E que chambões e sornas os Peris de calça, camisa e faca à cinta!”⁵³

Estas palavras de Monteiro Lobato em “Urupês” a denunciar a romantização, em um primeiro momento, do índio e, posteriormente, do caboclo, encontram eco junto ao texto de Belisário Penna, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz no início

⁵³ “M. Lobato, *Urupês*, p. 166.

do século XX. Ao comentar sobre “homens cultos e de responsabilidade” que, sem arredar pé da bela e saneada cidade do Rio de Janeiro, contestam fatos e afirmam a robustez de caboclos sertanejos, Penna escreve:

“Mas quem contesta a existencia aqui e nos proprios sertões, sobretudo nos da Bahia, Pernambuco e Ceará, de patricios robustos, de resistencia pasmosa aos mais arduos e penosos misteres?

Apenas representam elles uma insignificante minoria na immensa legião dos doentes e esquecidos.

Quando, com o dr. Neiva, iniciamos a nossa grande excursão pelo nordeste do Brasil, partimos de Joazeiro (Bahia), onde na ocasião o impaludismo devastava a população. Durante quinze dias que ali permanecemos, trabalhamos de amanhã à noite no tratamento de impaludados recentes e chronicos, tendo sido o nosso primeiro doente, e dos mais graves, o medico do logar.

Pois bem, foi ahi que contratamos oito camaradas para guiar a nossa tropa, tres dos quaes levaram-nos até a capital de Goyaz, percorrendo, a pé, 600 léguas, sem manifestar fadiga, sendo os primeiros que se levantavam para procurar os animaes, arreal-os e carregal-os.

Deram prova cabal de formidavel resistencia. Nem por isso tiramos dahi a conclusão de que todos os caboclos de Joazeiro são como os tres heroes da nossa jornada, porque vimol-os às centenas, incapazes de um decimo de semelhante esforço.”⁵⁴

Lobato e Penna, cada um à sua maneira, são participantes ativos da discussão a respeito de um projeto para o Brasil; em comum nas duas passagens aqui citadas, há a concordância a respeito da necessidade de se conhecer o real homem do sertão, de forma que fosse evitada a idealização do caboclo como um indivíduo belo e forte, altivo e de caráter irrepreensível. Monteiro Lobato teve, como referência para a formação de sua opinião, os indolentes caboclos que estiveram a seu serviço na fazenda do Buquirá, e que tantos desgostos lhe trouxeram. Belisário Penna, por sua vez, levou ao sertão o olhar do Instituto Oswaldo Cruz, e formou sua

⁵⁴ B. Penna, *Saneamento do Brasil*, pp. 25-6.

opinião como membro de uma das expedições científicas ao interior do Brasil promovidas pelo Instituto.

Com o Instituto Oswaldo Cruz já consolidado como centro de pesquisa experimental, a Inspetoria de Obras Contra as Secas lhe requisitou viagens, ao longo da década de 1910, com o objetivo de efetuar um levantamento das condições sócio-econômicas e epidemiológicas das regiões percorridas pelo rio São Francisco e de outras áreas do norte e do nordeste do Brasil. Órgão vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, a Inspetoria de Obras Contra as Secas foi criada em 1909 e estruturada em 1911. Objetivava combater a seca por meio de estudos sanitários, meteorológicos, geológicos, topográficos e hidrológicos. Pretendia promover a reconstituição de florestas, abertura de estradas de rodagem e ferrovias, perfuração de poços e construção de açudes públicos e particulares.⁵⁵

As atividades sanitárias demandadas pela construção de ferrovias propiciaram intenso estudo quanto à forma de transmissão de diversas doenças e quanto à presença e comportamento de seus vetores. As coleções científicas da instituição receberam exemplares de mosquitos, barbeiros e moluscos fundamentais para as linhas de pesquisa que estavam, então, em desenvolvimento. Em 1908 Carlos Chagas e Belisário Penna viajaram para Lassance, no norte de Minas Gerais, com o objetivo de realizar a profilaxia da malária durante a construção da estrada de ferro. Foi então que Chagas realizou várias observações sobre um inseto hematófago comum na região, o barrbeiro, verificando ser este o vetor de uma

⁵⁵ J. L. Benchimol, *Manguinhos do sonho à vida. A ciência na belle époque*, pp. 53-4.

doença até então desconhecida, associada a manifestações mórbidas como a cardiopatia e o hipertiroidismo – a doença de Chagas.⁵⁶

Durante 1912, chefiadas por cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, três expedições percorreram a área de atuação da Inspetoria de Obras Contra as Secas, por encomenda deste órgão. Em uma delas, Adolpho Lutz e Astrogildo Machado percorreram o vale do São Francisco, de Pirapora, em Minas Gerais, a Juazeiro, na Bahia. Após visitarem a maioria dos povoados ribeirinhos, consideraram o Vale do São Francisco uma região atrasada; tal atraso foi associado por eles ao clima, à distância dos povoados em relação ao litoral e à questão racial. Os cientistas observaram a pequena presença, na região, do indígena, e o predomínio do mestiço de branco com negro, atribuindo o atraso local a esta miscigenação (repetindo a antiga explicação). Lutz e Machado consideraram que não é possível haver progresso em uma região onde a população não se importa em melhorar as condições de vida, limitando-se a vegetar.⁵⁷

Da segunda expedição, da qual participaram José Gomes de Faria e João Pedro de Albuquerque, não há registro de diário ou relatório, sendo conhecidas apenas fotografias. Já a terceira destas expedições realizadas em 1912 teve como chefes os médicos Arthur Neiva e Belisário Penna, e percorreu o norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e grande parte de Goiás. Durante nove meses foram pesquisadas – com ênfase no interesse médico – a fauna e a flora da região, e foi feito o levantamento do quadro de doenças e das condições de vida das

⁵⁶ N. T. Lima, “Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil”, pp. 178-9.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 183.

populações locais. Desta feita, divergindo do relatório elaborado por Adolpho Lutz e Astrogildo Machado, o relatório apresentado por Neiva e Penna apontou a doença como o principal entrave ao progresso da região visitada, e não o clima ou a raça.⁵⁸

Mudando a perspectiva de análise, no relatório os médicos argumentaram que o atraso do sertão brasileiro é consequência do isolamento e do abandono a que eram relegadas as populações do interior brasileiro, região esquecida, com um alarmante número de portadores da doença de Chagas (em particular em algumas localidades de Goiás). Neiva e Penna ressaltaram, como características de todas as populações com quem entraram em contato, o tradicionalismo e a total ausência de identidade nacional; descreveram o povo como isolado, ignorante, pobre em folclore, primitivo em seus instrumentos de trabalho e nas trocas econômicas, pois quase não utilizavam moeda, e refratários ao progresso.⁵⁹

O relatório destinava-se ao uso do Instituto Oswaldo Cruz e da Inspetoria de Obras Contra as Secas, mas, baseado nos dados e conclusões da expedição, Penna resolve publicar um livro que teria um alcance maior que o próprio relatório. O livro, *Saneamento do Brasil*, seria mesmo alvo de crítica positiva de Monteiro Lobato e teria modificado sua visão do caboclo, como será discutido mais adiante. Por conta dessa influência, cabe aqui falar com mais detalhe de Belisário Penna e de seu livro.

O médico Belisário Augusto de Oliveira Penna, nascido em 1868, mineiro de Barbacena, iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1890. No Rio de Janeiro foi

⁵⁸ *Ibid.*, pp. 183-6.

⁵⁹ N. T. Lima & G. Hochman, *op. cit.*, pp. 29-31.

nomeado, em 1903, inspetor sanitário na 4^a Delegacia de Saúde, atuando na inspetoria de profilaxia rural da febre amarela. Participou de expedições do Instituto Oswaldo Cruz e dedicou-se ao combate das endemias rurais, como a malária e a ancilostomose. Penna foi, ainda, diretor do Serviço de Profilaxia Rural, diretor de saneamento do Departamento Nacional de Saúde Pública, e chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública. Ocupou interinamente, por duas vezes, o Ministério da Educação e Saúde, entre 1931 e 1932. Faleceu em 1939.⁶⁰

Na Faculdade de Medicina da Bahia, local em que Belisário Penna concluiu sua formação em medicina, desde pelo menos a década de 1860 começou a se formar um grupo que seria chamado de “tropicalistas”, por se dedicarem ao estudo das doenças tropicais que assolavam os brasileiros de todo o país, em especial os das regiões mais pobres. De Salvador, além de Penna, saem Nina Rodrigues e Arthur Neiva (que faz percurso inverso ao que Penna fez, iniciando seus estudos de medicina em Salvador e finalizando no Rio de Janeiro). Esses nomes, entre outros, se tornaram importantes junto aos “movimentos” sanitarista, higienista e eugênico.

O livro de Belisário Penna *Saneamento do Brasil*, publicado em 1918, distancia-se da análise complexa do relatório da expedição científica, apresentando uma versão mais precisa das relações entre a doença e a sociedade brasileira.⁶¹ O médico destacou, na introdução de seu livro, as recusas que recebeu por parte de editores para publicá-lo. Com a inserção de anúncios publicitários nas páginas finais, que cobririam as despesas de impressão, tornou possível a publicação. O autor

⁶⁰ Autor anônimo, *Fundo Belisário Penna*, <http://www4.prossiga.br/Chagas/sobrech/sec/fontes/fontes-02-01.html>.

⁶¹ N. T. Lima & G. Hochman, *op. cit.*, p. 30.

afirmou, ainda, que nem ele tampouco os editores receberiam dinheiro com a venda do livro; o que fosse aferido seria destinado à fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil.⁶²

Penna apresenta, logo nas páginas iniciais, uma “Explicação necessaria”, dizendo ter como desejo concorrer, por meio do livro, com seu quinhão para a defesa nacional, o que não significaria apenas a organização de uma força armada, mas estaria ligado a uma série de conceitos como higiene, política, moral e economia, que deveriam funcionar harmonicamente. Para tanto, o médico expõe que “ha muito que me venho batendo pela defeza da saúde, base da efficiencia individual e collectiva, elemento primordial da força, da resistencia, do trabalho e da producção”.⁶³

Prossegue Penna, ao comentar os propósitos de seu livro:

“Amante apaixonado da minha patria, sem preferencias regionaes, sem desprezo, antes orgulhoso do sangue brasileiro, que corre nas minhas veias e nas veias dos meus filhos, é com esse objectivo elevado que publico este livro, que é um brado vehemente de protesto contra o abandono da gente e da terra patricia, e é um ferro em braza applicado na ulcera corrosiva que se vae alastrando a todos os membros da nação.

Elle não se limita á critica severa des erros e crimes accumulados em menos de tres decadas do regimen vigente, e aponta os remedios, que ao seu auctor, parecem capazes de salvar a gente, de rehabilitar a terra, e de engrandecer a nação.

É um livro destinado a acordar consciencias adormecidas, a despertar bons elementos anesthesiados, a estimular iniciativas medrosas e vacillantes, a congregar energias esparsas, e a verberar os crimes de lesa patria.

É um livro de intuitos exclusivamente patrioticos, de esclarecimento aos moços, sahindo á luz da publicidade em momento oportuno,

⁶² B. Penna, *Saneamento do Brasil*, pp. I-II.

⁶³ *Ibid.*, p. I.

exactamente quando precisamos crear energias, e incitar o patriotismo dos brasileiros.”⁶⁴

Dividido em duas partes, *Saneamento do Brasil* apresenta, na primeira, uma série de artigos publicados pelo autor no periódico carioca *Correio da Manhã*, entre novembro de 1916 e janeiro de 1917. A segunda parte do livro traz análises a respeito de endemias que afligem a população brasileira, sugestões de profilaxia e a elaboração de um plano de saneamento a ser implantado pelo governo federal. A intenção do autor, com essa publicação, era expor “sem subterfugios, nem subtilezas de linguagem, a dolorosa situação morbida da população brasileira”; Penna declara que analisou “succintamente as funestas consequencias decorrentes do abandono da terra e da gente que a habita e cultiva”.⁶⁵

Belisário Penna abre a série de artigos discorrendo sobre o interior do Brasil, que iguala à doença e miséria:

“N’um paiz de doentes e de analphabetos, como o Brasil, a preocupação maxima, primordial, de governantes conscientes deveria ser a do saneamento physico, moral e intellectual dos seus habitantes.

Não ha prosperidade, não pode haver progresso entre indivíduos ignorantes, e muito menos quando á ignorancia se juntam a molestia e os vicios, o abatimento physico e intellectual, as lesões dos órgãos essenciaes.

É esse desgraçadamente o caso do Brasil, que conta seguramente 80% de analphabetos e outros tantos dos seus habitantes affectados de varias molestias “evitaveis”, vegetando pelas cidades, pelos campos e pelos sertões, consumindo sem produzir, anemiando a nação, ou pelo menos embaraçando o seu surto para o progresso e para a expansão.

⁶⁴ *Ibid.*, pp. III-IV.

⁶⁵ *Ibid.*, p. I.

Fazendo tal affirmativa não me guio por informações escriptas ou falladas, mas por verificação pessoal no norte, no centro e no sul do país.”⁶⁶

Já no artigo de abertura Penna cita o relatório que, junto com Arthur Neiva, entregou a Oswaldo Cruz, no qual vem “descripta e documentada a tragica epopéia da vida sertaneja”. Anuncia que não pretende se aprofundar em flagelos como a lepra, a tuberculose, as disenterias e a leishmaniose, por serem relativamente menos graves, preferindo concentrar o livro em quatro endemias evitáveis: “a syphilis, a ankylostomose, o impaludismo e a molestia de Chagas”. O médico destaca ainda que, além dessas pestes, há uma à qual poucos escapam,

“peor que todas as outras, e que de parceria com cada uma dellas vae minando e destruindo a nossa gente rural e sertaneja; é a indigência, attingindo innumeradas vezes á miseria, com o seu classico cortejo da deficiência ou vicio da alimentação e ausencia dos elementos de relativo conforto ou simples resguardo, como desasseio e a depressão physica e moral, das suas victimas, presas indefesas das doenças”.⁶⁷

Prossegue o autor:

“Uma viagem através dos nossos sertões, e mesmo fóra delles, confrange a alma e abale a confiança no futuro da patria, sobretudo pela indiferença ou inconsciencia dos poderes publicos, federaes, estaduaes ou municipaes, quanto á solução do problema sanitario, certamente o mais grave para a salvação econômica da nação. O descaso pelos problemas de saude publica manifesta-se na exiguidade das verbas destinadas a esse fim, e até na ausencia de tal verba nos orçamentos de inumeros municipios, cujas rendas são absorvidas na sua quase totalidade por intendentes, secretarios, collectores e fiscaes. São chefes e cabos eleitoraes das varias oligarchias que nos *felicitam* e que vão levando a nação, a passos largos, para a perda da sua soberania.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 7.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 8.

Convem-lhes esse estado de atrazo e de depressão physyca e moral da população, incapaz assim de reagir contra o seu nefasto predomínio.

Á excepção do Estado de S. Paulo, que cuida seriamente da instrucção e da saúde pública, e que por isso mesmo constitue um povo á parte na communhão brasileira, e de certo modo o Rio Grande do Sul, todos os demais Estados se limitam a cuidar dessas coisas fastidiosas nas capitaes e em algumas cidades maiores, para enganar os incautos.”⁶⁸

Esse artigo é encerrado com um protesto contra a literatura fantasiosa, responsável por difundir falsas idéias de riqueza e de saúde nos sertões do Brasil, levando políticos, induzidos por tal imagem, a comprometerem o futuro do país. Penna prega a necessidade de apresentar a verdade, de modo que seja possível enfrentar os problemas que comprometem a vida econômica e a nacionalidade brasileira.⁶⁹

O autor se preocupa, ao longo de toda a primeira parte do livro, em apresentar os elementos responsáveis pelo incremento das endemias no Brasil, flagelos nem todos curáveis, mas evitáveis. Assolando, matando ou inutilizando o indivíduo, corrompendo-lhe a decência, “não ha como estranhar a proverbial e decantada indolencia do brasileiro em geral, nem a sua incapacidade para trabalhos que demandem vigor e saude, nem a média desanimadora do seu coeficiente de produção.” Belisário Penna tomou, todavia, o cuidado de alertar contra a idéia de que o clima ou a raça seriam responsáveis pelo estado de saúde da maior parte da população:

⁶⁸ *Ibid.*, p. 11.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 13.

“Não que elle [o caipira, o caboclo] assim seja por influencia do clima e da raça. Elle é, sobretudo, uma victima indefesa da doença, da ignorancia e da deficiencia ou do vicio de alimentação.

Preserve-se das doenças, alimente-se convenientemente, dê-se-lhe instrucção, e a produção do seu trabalho egualará á dos mais robustos trabalhadores europeus.

Os nossos caipiras e caboclos que escapam ás endemias nada deixam a desejar quanto ao vigor physico e á resistência aos mais arduos mistéres, auxiliados ainda por intelligencia lucida e prompta.

É urgente, pois, socorrel-os, uma vez que conhecemos, em toda a sua hedionda extensão, as calamidades que os aniquilam.

É esse um problema nacional que avulta sobre qualquer outro, pelos interesses de salvação publica nelle envolvidos, além dos interesses de nacionalidades, de raça e de humanidade.”⁷⁰

Para Belisário Penna, nesse livro, é a ciência, em particular a ciência médica experimental, que pode transformar o quadro de doença em que se encontra a população brasileira, e por consequência recuperar o brio, a civilização, a humanidade e sobretudo a economia do Brasil. A capacidade científica e organizadora de Oswaldo Cruz, criador do “monumento científico”, nas palavras entusiasmadas de Penna, que é o Instituto Oswaldo Cruz, permitiu a constituição de um grupo de entusiastas – entre os quais estariam Adolpho Lutz e Carlos Chagas –, “apóstolos” dedicados a missões científicas, para a glória destes e para a fortuna do Brasil.⁷¹

Penna, ao prosseguir o seu diagnóstico sobre as principais endemias brasileiras, não se limitou à discussão de aspectos médico-sanitários, mas abordou também aspectos políticos e sociais. Afirmou que o republicano não era um regime adequado ao país, sendo responsável pela situação da saúde e da higiene brasileiras. Ótima para países de elevada cultura, como a Bélgica, a Holanda e a

⁷⁰ *Ibid*, p. 14.

⁷¹ *Ibid.*, pp. 20-1.

Suíça, o autor considerou a República “inadaptavel, inapplicavel e inexequivel, como está provado, num paiz vasto, de povo inculto e doente, em phase ainda de evolução, ou melhor, de formação”. A República federativa e a autonomia dos estados (obstáculo à implementação de políticas de saúde públicas em âmbito nacional) seriam, na opinião de Penna, forma de governo a ser atingida após passagem pelo regime republicano unitário e parlamentar. Ainda, prossegue o autor, teriam sido necessários pelo menos mais vinte anos de monarquia – “regimen honesto e preparatorio” – para, enfim, o país estar pronto para a República.⁷²

Já nos artigos finais da Parte I, ao comentar sobre os trabalhos da higiene, Belisário Penna destacou o seu campo de atuação e a sua importância em relação à medicina, ao homem e à sociedade:

“A hygiene não é mais como outrora um simples apendice da medicina.

Ella é uma sciencia vasta, independente, superpondo-se a todas as outras, em beneficio da especie, da familia humana, e de tudo que com ella se relaciona.

É uma sciencia social e politica, velando pelo homem, e por tudo que se lhe possa aproveitar, pelo seu aperfeiçoamento physico, moral e mental, desde a celula germinal até o seu natural declinio, quer se trate do individuo, quer da collectividade.

Ella intervem beneficemente em todas as phases da sua vida, e em todos os seus agrupamentos moveis ou fixos, estabelecendo o regimen da vida material e moral indispensavel em cada um delles para a maxima eficiencia das suas actividades; por isso são innumerous os ramos dessa arvore gigantesca, cada dia mais frondosa, a cuja benefica sombra se acolhe toda a humanidade culta, para quem ella tornou a vida um encanto, um dom verdadeiramente divino.

Beneficamente sempre, ella intervem na fecundação, na gestação, na desmama, na meninice, na puberdade, na masculinidade e na velhice do homem, protegendo-o e amparando-o, dando-lhe os elementos de prevenção e de acautelamento para a manutenção

⁷² *Ibid.*, pp. 30-3.

de sua integridade vital; acompanha-o no lar, nas escolas, nas oficinas, nas fabricas, nos campos, nas viagens, nas mil profissões que elle exerce, aconselhando a cada qual e a todos, o regimen particular e geral, physico, moral ou mental, proprio a cada uma das phases da vida, a cada uma das profissões, e aos agrupamentos. Saneando os individuos e os meios em que elles exercem as suas actividades, ella sanea-lhes tambem o moral, desperta a energia dos componentes da sociedade, provoca nelles o estimulo do trabalho, tornando-o productivo e remunerador. A hygiene é uma sciencia profundamente social e politica, ligada intimamente aos destinos do homem onde quer que elle paire, seja qual for a sua funcção na collectividade.”⁷³

Ao longo da segunda parte de *Saneamento do Brasil* Penna apresentou suas idéias para um plano de saneamento rural, visando o combate às três⁷⁴ grandes endemias – ancilostomose, malária e doença de Chagas – que assolavam a população brasileira, em conjunto com um mal de origem nefasta, a cachaça. Nas palavras do autor, esse álcool barato e de fabricação fácil é

“elemento destruidor do organismo e perversor do senso moral; o degenerador, por excellencia, da raça; o fator primordial do crime e da loucura; o grande povoador das prisões e dos manicômios; o poderoso auxiliar das doenças, entregando-lhe as victimas sem resistencia, preparadas para a sua devastação, por intoxicadas, e enfraquecidas com órgãos essenciaes prejudicados, e funcionando mal”.⁷⁵

O médico destaca, ainda, a necessidade de a União unificar atribuições como a justiça, a instrução e a higiene. No caso desta última, Penna assevera que a Constituição “licenciosa, que nos infelicita”, não permite a intervenção da União nos estados e municípios para a defesa de seus habitantes, sem que haja uma requisição estadual ou municipal, o que constitui, para ele, um disparate. Referindo-

⁷³ *Ibid.*, pp. 69-70.

⁷⁴ Diferente do que propusera na introdução do livro, conforme exposto na página 35 desta dissertação, Penna discorreu, ao longo da segunda parte de seu livro, sobre três endemias: a ancilostomose, a malária e a doença de Chagas. Ao iniciar o livro o autor se propusera a analisar quatro endemias, somando a sífilis às outras três.

⁷⁵ B. Penna, *op. cit.*, pp. 93-9.

se à necessidade de que fossem dadas plenas condições para a execução do plano de saneamento rural, lembra Oswaldo Cruz e afirma:

“Si ao grande Oswaldo Cruz, não fossem facilitados todos os recursos de lei, de dinheiro, e de força para a aplicação integral da prophylaxia da febre amarella e da peste, elle não teria assumido o compromisso formal de extinguil-as, nem teria aceitado o posto de Director da Saúde Publica, e até hoje estaríamos sofrendo as conseqüências dos dois terriveis flagellos”.⁷⁶

Penna apresentou alguns exemplos de aplicação dos princípios de saneamento. Um dos casos citados é Cuba cujo saneamento, segundo o autor, foi realizado com rigor e grande êxito por parte dos norte-americanos. A educação higiênica é, para Penna, indispensável, e ele considera que não será apenas por meio de propaganda e de conselhos que ela será disseminada entre a população. Ainda que auxiliares úteis, propaganda e conselhos terão sucesso apenas se associados a uma lei que imponha medidas higiênicas, como foi o caso da vacinação contra a febre amarela no Rio de Janeiro, realizada entre 1903 e 1907.⁷⁷

Penna expôs com detalhes, fotografias e ilustrações, o ciclo das três doenças que, em sua opinião, mais afligiam a população e o país. Apresentou as formas de contágio e as medidas de saneamento e profilaxia para cada uma delas, formando um plano de saneamento destinado a combatê-las e minimizá-las. O médico insistiu na necessidade de ser disseminada a educação higiênica, afirmando que a população operária brasileira, tanto rural como urbana, não possuía princípios rudimentares de asseio e de higiene – reconheceu, porém, que na cidade do Rio de Janeiro, na capital de São Paulo, em outras capitais e em algumas cidades do

⁷⁶ *Ibid.*, pp 91-3.

⁷⁷ *Ibid.*, pp. 91-8 e p. 107.

interior já se obtiveram bons resultados em relação à higiene. As habitações rurais, por sua vez, permaneciam esquecidas, e era necessário que se cuidasse dessas regiões. Penna refere-se também ao clima como fator prejudicial – porém de conseqüências controláveis – ao homem nas regiões rurais. Considera que

“para a hygiene não ha climas doentios, não ha regiões inhabitaveis, não ha zonas condemnadas ao deserto, porque d’ellas não se possam remover ou afastar elementos cuja proliferação o clima apenas favorece.

Não ha climas anemiantes e deprimentes, nem regiões onde a anemia seja condição indispensavel de vida, herésia scientifica que já temos ouvido de mais de um homem culto.

Variam sim, as condições de trabalho e de actividade, o regimen alimentar, o modo de construcção das casas, com escolha e preparo do local em que tenham de ser edificadas, preenchidas certas disposições especiaes.

Vamos tratar succintamente da prophylaxia das tres maiores endemias que castigam a nossa população, e indicar portanto, as providencias hygienicas necessarias para debellal-as ou evital-as, esboçando mem seguida um plano de saneamento rural.”⁷⁸

Referindo-se à ancilostomose, doença que será mais detalhada, nesta dissertação, em virtude de ser ela que acomete o Jeca Tatu, Belisário Penna a considera a endemia mais espalhada pelo Brasil, e também a mais facilmente curável e a mais evitável. Causa principal da apregoada preguiça e inércia do trabalhador brasileiro, o parasita causador da doença tem sua vida favorecida pelas condições de calor e umidade de grande parte do Brasil, país tropical. Para combatê-la, a medicina conhecida é eficaz, garante Penna, e dispensa farmacopéias vastas, banhos, regimes especiais, estações de águas e climas de altitudes.⁷⁹

⁷⁸ *Ibid.*, pp 105-8.

⁷⁹ *Ibid.*, pp. 124-31.

A profilaxia da ancilostomose deve ser individual e coletiva. O médico a resume em três pontos: curar os doentes, de modo que sejam evitados os ovos do ancilóstomo e conseqüente surgimento de novos focos de contágio; usar fossas e latrinas, de modo que se evite a criação de focos de larvas em campo aberto; e proteger os pés de qualquer indivíduo que tenha que trabalhar em solo suspeito de contaminação, em conjunto com alguns preceitos de higiene, como lavar as mãos antes da refeição, após a defecção e banho após o trabalho. A extinção da moléstia será possível, conforme Penna, com a conjugação destas três medidas; é muito difícil, porém, a mudança de velhos hábitos: “será mais facil remover o Pão de Assucar para Paquetá, do que conseguir que o caipira use sapato. Muitas dezenas de annos decorrerão ainda, antes que se consiga infiltrar no seu cerebro as vantagens e a necessidade do calçado.”⁸⁰

Ao encerrar o livro, Penna propôs a criação de uma taxa da saúde⁸¹, imposto sobre a cachaça destinado a financiar ações na área da saúde pública e reduzir o consumo da bebida, e propôs um plano de saneamento rural⁸², programa da Liga Pró-Saneamento para federalizar as ações de saúde pública. Antes de tais propostas, porém, Penna não deixou de refutar, mais uma vez, a idéia de clima ou a raça como causadores da fraqueza e do atraso da população, em lugar da doença:

“75% ou mais da população brasileira, rural e urbana, é constituida de individuos anemicos, com taxa de hemoglobina e numero de globulos vermelhos do sangue abaixo e muito abaixo do normal, além de outras alterações.

⁸⁰ *Ibid.*, pp. 135-6.

⁸¹ *Ibid.*, pp. 163-6.

⁸² *Ibid.*, pp. 167-72.

Não é esse facto devido ao clima, nem á raça, que nenhuma influencia exercem sobre a composição e volume normaes do sangue, sempre os mesmos em todas as regiões do globo, como a mesma é a temperatura normal do corpo humano, durante todas as estações, quer nas regiões de clima tropical, quer nas temperadas, quer nas glaciaes, entre todas as raças humanas.

As causas desse estado de anemia de todo um povo são conhecidas, estudadas, positivadas; e estabelecidas então com segurança, e já praticadas com exito em varios paizes, as medidas de ordem prophylactica, hygienica e medica para eliminal-as, ou para reduzir consideravelmente a sua acção perniciosa.

São ellas as tres endemias, que acabamos de passar em revista *opilação, malaria e trypanosomiase americana* – a primeira reinante em todo o paiz, a segunda em quasi todo, e a terceira, em vastas regiões d'elle; a primeira quasi sempre associada ás outras.⁸³

Apresentada ao longo do livro de Belisário Penna, a imagem de um Brasil doente, na opinião de Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, foi construída pouco a pouco, à medida que repercutia o relatório de viagem de Penna e Neiva, e também as publicações que lhe sucederam.⁸⁴ No ano de 1918, ano da publicação de *Saneamento do Brasil*, Monteiro Lobato tratava da impressão de um livro que reuniria quatorze textos por ele seleccionados. Entre eles, estavam os artigos “Urupês” – que deu o nome ao livro – e “Uma velha praga”, de grande repercussão quatro anos antes. Antes que seu livro saísse do prelo, Lobato entrou em contato com a obra de Belisário Penna, que transformou o seu pensamento; entusiasmado, acreditando ter encontrado a solução para os problemas brasileiros, Monteiro Lobato se engajou nas campanhas higienistas de Penna e de Arthur Neiva.⁸⁵

As idéias de higiene e saneamento, apresentadas em conjunto com a nova realidade descortinada pelo relatório de viagem de Penna e Neiva, levaram Monteiro

⁸³ *Ibid.*, pp. 150-1.

⁸⁴ N. T. Lima & G. Hochman, *op. cit.*, p. 30.

⁸⁵ C. L. de Azevedo, M. Camargos & W. Sachetta, *op. cit.*, pp. 111-2.

Lobato a rever suas teorias sobre o homem da roça; o escritor terminou por reformular a imagem do Jeca Tatu. A despeito dessa mudança de posição, a antiga concepção de Lobato sobre o caipira era publicada no livro *Urupês*. A terceira edição do livro, de 1919, se esgotou em virtude de uma longa referência ao Jeca Tatu feita por Rui Barbosa, em plena campanha eleitoral presidencial, impulsionando uma quarta edição. A cada tiragem subsequente, Lobato reitera as explicações sobre seu erro de julgamento.⁸⁶

O caipira atrasado não estava nessa condição por culpa de uma maldição racial, à maneira de Le Bon, mas sim como consequência da fome, da miséria e da doença. Ao perceber que o homem era produto de seu meio, e não o contrário, Lobato pediu perdão ao Jeca, por ignorá-lo doente. Ao longo do mesmo ano de 1918 o escritor publicou, no jornal *O Estado de S. Paulo*, uma série de artigos intitulada “Problema Vital”, divididos sob dois temas: “Saneamento do Brasil” e “Problemas do saneamento”. Meses mais tarde, no mesmo ano, os textos da série foram reunidos em livro publicado pela Sociedade Eugênica de São Paulo, em conjunto com a liga Pró-Saneamento do Brasil, contando com prefácio do médico Renato Kehl, secretário das duas instituições.⁸⁷ O livro intitulado *Problema Vital* é aberto com um artigo sobre Oswaldo Cruz e Manguinhos:

“Damos a impressão de um povo que estremunha no despertar dum longo sono de opio (...).

O ponto de partida deste movimento entronca em Oswaldo Cruz.

A escolha desse homem para chefe da higiene no Rio foi o maior passo, talvez o unico, dado pelo país durante a Republica pára

⁸⁶ A terceira edição de *Urupês*, de 1919, se esgotou em virtude de uma longa referência ao Jeca Tatu feita por Rui Barbosa, em plena campanha eleitoral presidencial, impulsionando uma quarta edição. A cada tiragem subsequente, Lobato reitera as explicações sobre seu erro de julgamento. *Ibid.*, p. 112.

⁸⁷ *Ibid.*, pp. 112-6.

arrancar-se ao atoleiro onde lentamente afundava. O acaso permitiu que, em vez de um burocrata desinfetador e papelífero, penetrasse na administração um homem de gênio servido por um temperamento de organizador. Esse fato teve uma altíssima significação mal percebida no momento: era o moderno espírito científico a tomar pé no país do palavreado ôco.

Uma nova era se abria sem que dessemos tento: a verdadeira significação dos fatos só pode ser avaliada depois que a corrente das consequências, no estirar dos anos, permite a visão perspectiva.

Até Osvaldo o médico no Brasil era o Chernoviz: xaropes, iodureto e a continha. Curava – quando não matava. Prevenir, nunca. O higienismo dormia o sono das crisalidas, apesar do movimento científico universal determinado pelas teorias pasteurianas.⁸⁸

Ao encerrar o artigo, intitulado “A ação de Osvaldo Cruz”, Monteiro Lobato destaca Manguinhos e o livro de Belisário Penna:

“O verdadeiro sábio não emite opinião: consulta o laboratório e repete o que o laboratório diz, sem enfeite nem torsão.

É com esse espírito novo que havemos de estudar e resolver os nossos problemas – e este espírito por enquanto só se denuncia em Manguinhos.

O povo, cretinizado pela miséria orgânica de mãos dadas á mistificação republicana, olha em torno e só vê luz no farol erguido por Osvaldo, num recanto sereno do Rio. Só de lá tem vindo, e só de lá ha de vir, a verdade que salva e vence. Foi de lá que reboou esse veementíssimo brado de angustia que é o livro de Belisario Pena – “O Saneamento do Brasil” – voz de sábio que escarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80 por cento, e grito de indignação dum homem de bem contra a phtiriase organizada em sistema político que rói com furia acarina o pobre organismo inamine.”⁸⁹

A ancilostomose, a doença de Chagas e a malária, doenças discutidas ao longo da segunda parte de *Problema Vital*, foram novamente discutidas na série de textos de Monteiro Lobato, assim como o consumo da cachaça foi também

⁸⁸ M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, pp. 225-7. A publicação consultada para a elaboração desta dissertação de mestrado integra os dois textos (*Problema Vital* e *Mr. Slang e o Brasil*) em uma mesma publicação.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 229.

condenado. O autor descreveu meios de combate às doenças, sintomas e suas conseqüências sobre a população, à semelhança do escrito por Belisário Penna:

“Em todos os países do mundo as populações rurais constituem o cerne da nacionalidade. Taurinos, torrados de sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua robustez e saúde, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos étnicos. Pela capacidade de trabalho mantêm eles sempre elevado o nível da produção econômica; pela saúde física, mantêm em alta o índice biológico da raça, pois é com o sangue e o músculo forte do camponês que os centros urbanos retemperam a sua vitalidade.”⁹⁰

Ao comentar o caso de uma população ribeirinha do Paraíba, próspera em virtude de medidas sanitárias bem executadas, Lobato reviu em *Problema vital* a sua posição anterior, e absolveu o sertanejo:

“A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não “é” assim. “Está” assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.”⁹¹

Monteiro Lobato não se limitou a rever sua posição e clamar pela cura do caipira nas páginas do jornal ou no livro. Foi além, aplicou os princípios propostos por Belisário Penna em sua própria criação, tratou do Jeca Tatu, o curou e fortaleceu, conforme apresenta no conto “Jeca Tatu e a ressurreição”, de 1920⁹². Em 1924, com ilustrações de Kurt Wiese, foi lançado o *Jeca Tatuzinho*, livreto que

⁹⁰ *Ibid.*, p. 255.

⁹¹ *Ibid.*, pp. 281-5.

⁹² M. B. Park, *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*, p. 123. O texto “Jeca Tatu e a ressurreição” está no anexo 1 desta dissertação.

mostra a recuperação da personagem e ensina noções de higiene e saneamento às crianças.⁹³

As idéias de higiene e de saneamento – associadas a uma determinada idéia de doença – como necessárias para melhorar a condição de vida e de produção da população e fundamentais para a construção de uma nacionalidade, alcançaram intelectuais como o próprio Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo, Roquette Pinto e Gilberto Freyre.⁹⁴ Restrita, porém, ao âmbito de uma intelectualidade ou ao círculo dos médicos do Instituto Oswaldo Cruz, a nova concepção que se formava sobre o caboclo pouco poderia mudar a sua situação. Era necessário que o poder público revertesse o abandono dos sertanejos e, a estes, era necessário que chegassem informações básicas sobre a própria condição e sobre como, enfim, alterá-la (algumas destas informações básicas foram de fato colocadas ao alcance do sertanejo, como será exposto a seguir e ao longo do capítulo III desta dissertação). Nesse sentido, as últimas décadas do século XIX presenciaram o avanço do alfabetismo e da imprensa para além das elites tradicionais; o estado de São Paulo se destaca, nesses aspectos, em relação ao restante do Brasil e, dentro do estado, destaque para a cidade de São Paulo, que viveu uma extraordinária urbanização ao final do XIX.⁹⁵

A urbanização de São Paulo foi motivada por uma conjunção de fatores, entre eles a imigração estrangeira. A necessidade de repor a mão de obra escrava levou à implementação de sucessivas e ineficazes políticas imigratórias por parte do

⁹³ C. L. de Azevedo, M. Camargos e V. Sachetta, *op. cit.*, p. 199.

⁹⁴ N. T. Lima, *op. cit.*, p. 184.

⁹⁵ H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, p. 46.

governo⁹⁶, problema que principiou a ser resolvido com um sistema de remuneração misto: o colono passou a receber uma determinada quantia anual por cuidar de certo número de pés de café, completado com outra quantia, variável, relativa ao volume da colheita obtida. O problema do pagamento da viagem é resolvido a partir dos anos 1870, quando o governo imperial passa a encarregar-se dos gastos de transporte dos imigrantes com destino à lavoura cafeeira. Aliadas às novas posturas do fazendeiro, ao cobrir os gastos do trabalhador durante seu primeiro ano no novo país, e deixando-lhe terras à disposição para o cultivo de subsistência, tais medidas possibilitaram, por parte do Brasil, o surgimento de uma corrente imigratória, oriunda da Europa, de volume intenso e destinada ao trabalho em grandes plantações agrícolas.⁹⁷ A preferência pelo trabalhador europeu era justificada, entre outros, com o argumento de que negros ou mestiços, eram seres inferiores, de modo que era necessário europeizar o Brasil.⁹⁸

Entre 1887 e 1930 o Brasil, ao lado de Argentina, Canadá e Estados Unidos, entre outros, é um país receptor dos milhões de europeus e asiáticos que vieram para a América em busca de oportunidade de trabalho e ascensão social. A maior

⁹⁶ Antes mesmo da independência efetuou-se uma ou outra tentativa de instalação de colônias de imigrantes europeus; tais colônias nunca puderam ultrapassar os limites de uma existência apenas vegetativa, no entanto. Durante o governo imperial, e igualmente sem êxito, foram instaladas colônias sem fundamento econômico, acreditando-se que a presente superioridade racial do trabalhador europeu bastaria para sustentá-las. Uma vez cessados os generosos subsídios governamentais, porém, tais colônias definhavam, envolvendo em economia de subsistência. C. Furtado, *Formação econômica do Brasil*, pp. 117-23.

⁹⁷ À mesma época em que o Brasil assumia essa postura mais favorável à imigração européia, surgiam condições também favoráveis em relação à oferta de mão de obra; exemplo marcante desta nova condição é o da Itália em processo de unificação. A região sul, em menor grau de desenvolvimento econômico, passa a enfrentar dura concorrência por parte das áreas mais desenvolvidas ao norte. A indústria manufatureira sulista desorganizou-se, houve pressão do excedente de população agrícola, demanda por terras, intranquilidade social – a solução emigratória seria uma válvula de escape para parte da população italiana. *Ibid.*, pp. 123-8.

⁹⁸ J. de R. Ramos, “Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20”, in M. C. Maio & R. V. Santos, *Raça, ciência e sociedade*, pp. 59-68.

concentração de imigrantes chegando ao país deu-se entre os anos de 1887 e 1914; aproximadamente 2,74 milhões de pessoas representavam 72% do total de imigrantes que o país recebeu até 1930. O Estado de São Paulo recebeu mais da metade dessa população e, entre 1887 e 1900, 73% dos imigrantes que chegaram ao estado eram italianos – e nem todos se fixaram na agricultura.⁹⁹ A cidade de São Paulo disputava àquela época, com Santos e Campinas, o estatuto de centro urbano mais importante da então província.¹⁰⁰

O grande número de estrangeiros que chegava a São Paulo potencializou as condições epidemiológicas no estado. A Hospedaria dos Imigrantes, em Santos, por exemplo, era composta por salões nos quais eram alojadas de 600 a 700 pessoas. Com capacidade para 4.000 pessoas, chegou a abrigar 10.000 imigrantes; tornava-se, assim, ambiente propício para o desenvolvimento de epidemias, tanto de doenças já existentes no país, como a febre amarela ou a varíola, como de doenças importadas, como a peste bubônica. As colônias de estrangeiros nas fazendas e cidades do interior do Estado também favoreciam a ocorrência de epidemias. As reclamações dos imigrantes sobre as doenças epidêmicas, sobre o clima insalubre e sobre as más condições de moradia e de trabalho levaram alguns governos estrangeiros a proibir a imigração para o Brasil durante alguns períodos.¹⁰¹

Esboçado desde 1870, o crescimento industrial paulista é posterior à abolição da escravatura, com origem no setor cafeeiro e na imigração. Motivado pelo café, o primeiro surto da indústria paulista se tornou possível: pela imigração e pelos

⁹⁹ B. Fausto, *História do Brasil.*, pp. 275-9.

¹⁰⁰ H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, p. 49.

¹⁰¹ J. A. Barrio, *op. cit.*, pp. 13-4.

empregos urbanos vinculados ao complexo cafeeiro, que possibilitaram um mercado para produtos manufaturados; pelo investimento em estradas de ferro, que ampliaram, e integraram esse mercado; pelo desenvolvimento do comércio de exportação e importação, e posterior sistema de distribuição de produtos manufaturados; e por fim, pelas máquinas industriais que, importadas, eram pagas em moeda estrangeira com os recursos fornecidos pelo café.¹⁰²

Imigrantes, fossem eles espontâneos ou então egressos das atividades agrícolas, chegavam à capital paulista em grande número. A cidade oferecia opções de trabalho no artesanato, no comércio de rua, em fabriquetas de fundo de quintal, nas fábricas recém-surgidas ou no serviço doméstico. Sendo também o elo entre a produção cafeeira e o porto de Santos, São Paulo se tornou o grande centro distribuidor dos produtos importados, sediando a maior parte dos bancos e os principais empregos burocráticos;¹⁰³ a cidade principiava a se tornar o centro econômico e político do estado.¹⁰⁴

São Paulo dispunha, assim, das condições que a lançaram a uma rápida e espetacular urbanização. Em termos de população, a capital paulista apresentou crescimento acelerado a partir de 1886; saltou de uma população, em 1890, de 64934 habitantes para 239 820 habitantes em 1900, com taxa de 14% de crescimento anual. Em 1890 a cidade de São Paulo era a quinta cidade brasileira em termos de população, menos populosa do que o Rio de Janeiro, Salvador, Recife

¹⁰² B. Fausto, *op. cit.*, pp. 286-7.

¹⁰³ *Ibid.*, pp. 284.

¹⁰⁴ H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana*, p. 60.

e Belém; já no início do século XX ocupava a segunda posição. A capital da República apresentava, então, população de cerca de 688 mil habitantes.¹⁰⁵

A chegada dos imigrantes, o rápido crescimento e a diversificação das atividades econômicas paulistas alterou o cotidiano da cidade. Aos anúncios simples, comuns na imprensa da época¹⁰⁶, procurando por copeiros, amas-secas, cozinheiras, escravos fugidos (no período anterior à abolição) e trabalhadores livres, como carroceiros, costureiras, sapateiros e trabalhadores variados para a emergente indústria de bens de consumo, presentes nos classificados das poucas folhas diárias em circulação por volta de 1890, uniram-se anúncios procurando outro tipo de profissional. Surgiu a demanda por guarda-livros, contadores, professores de primeiras letras, auxiliares de escritório, profissionais que, além dos requisitos de honestidade, asseio e conduta afiançada, deveriam também ser capazes de ler e escrever. A alfabetização tornou-se habilidade necessária ao exercício de certas atividades profissionais, e desejável para o exercício de outras.¹⁰⁷

Em meio a um mercado em rápida expansão, fruto de uma metrópole que começava a se formar, tornou-se necessário, para fabricantes e comerciantes, procurar visibilidade para os seus produtos. Tal necessidade de exposição por parte do comércio, aliada à necessidade que a incipiente imprensa tipográfica paulistana

¹⁰⁵ B. Fausto, *op. cit.*, pp. 284-6.

¹⁰⁶ Em 1808 surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Nela foi publicado, no mesmo ano, o considerado primeiro anúncio brasileiro, um reclame: “Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado, de frente para Santa Rita, fale com Ana Joaquina da Silva, que mora nas mesmas casas, ou com o capitão Francisco Pereira de Mesquita, que tem ordem para as vender”. Surgiram diversos pequenos textos em toda a imprensa, anunciando aulas de idioma, aluguel e venda de imóveis, ofertas de escravos. Eram curtos, sem ilustrações, semelhantes ao classificado atual. N. W. Sodré, *História da imprensa no Brasil*, pp. 24 e 33; P. Marcondes & R. Ramos, *200 anos de propaganda no Brasil. Do reclame ao cyber-anúncio*, p. 15.

¹⁰⁷ Eram procurados copeiros que, além de boa conduta, fossem alfabetizados; caixeiros que tivessem bom conhecimento das ruas da cidade e, também, fossem capazes de ler e escrever. H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, pp. 68-9.

tinha por novos meios de sustentação financeira, deu impulso à publicidade como forma de atender a ambos os anseios. Pretendendo divulgar seus produtos para uma população crescente e anônima, e dispondo da possibilidade de confeccionar novos materiais impressos, comerciantes e fabricantes começam a editar folhas de reclame e também grande variedade de materiais, como faturas, circulares, calendários de casas comerciais, cartões comerciais, cartazes e rótulos de produtos.¹⁰⁸ São Paulo, cidade que a partir de 1890 se tornara o maior empório comercial da América Latina, oferecia espaço e tempo propícios para novos hábitos, mudanças de condutas e outras práticas de consumo.¹⁰⁹ São Paulo era, no começo dos anos mil e novecentos, campo fértil para a publicidade; e essa publicidade recebeu a incumbência de levar, à gente da cidade e ao sertanejo, a São Paulo e ao Brasil, algumas das lições de Belisário Penna:

“compare-se a extensão e riqueza do nosso sólo; a fertilidade e variedade de nossas terras, prestando-se a culturas de toda especie; a variedade dos nossos climas; a nossa população e a nossa produção, com a população, clima e natureza do sólo de outros países do nosso continente, onde a saúde é objecto de cuidados, e notar-se-ha diferença tão notavel, que só poderá ser attribuida a uma causa poderosa de natureza biológica.

O nosso atraso e desorganização são attribuidos á indolência e á malandrice do povo brasileiro, por motivo do clima e da raça.

É falso, falsissimo esse conceito, desmentido pelo nosso passado de labor proficuo, de actividade constante, de feitos brilhantes, de organização regular, e de administração honesta, quando entregue a mãos capazes.

A indolencia e a malandrice são resultantes da desorganização do trabalho agricola; do abandono das lavouras; da disseminação, pelas grotas e devesas, de parte da gente outrora concentrada nas fazendas, e a concentração, nas cidades e arraiaes, de outra parte, a viver de expedientes e a viciar-se com a cachaça; da

¹⁰⁸ *Ibid.*, pp. 153-4.

¹⁰⁹ A. L. Martins, *op. cit.*, p. 261.

transformação forçada, em industrial, de um paiz essencialmente agrícola e pastoril; da miséria conseqüente a esse accumulo de erros, e sobretudo da doença descurada, que se generalizou, e vae anemiando e degenerando, sem freio, a população do paiz, principalmente a dos campos.¹¹⁰

As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo foram os locais em que, no início do século passado, a publicidade brasileira encontrou mais espaço para a sua expansão e desenvolvimento. Os periódicos da época, em particular as revistas, apresentavam grande número de anúncios, e entre estes, os anúncios que tratam de doenças e do restabelecimento da saúde ganharam destaque com o passar dos anos. Esta dissertação abordará, no capítulo seguinte, estes anúncios na área da saúde, a presença do conceito de ciência nos mesmos e a participação de Monteiro Lobato, com o seu *Jeca Tatuzinho*, na propaganda e na divulgação de idéias da ciência.

¹¹⁰ B. Penna, *op. cit.*, pp.97-8.

CAPÍTULO III

CIÊNCIA E PROPAGANDA DIFUNDINDO A IDÉIA DE UM NOVO BRASIL

Em “Dezessete milhões de opilados”, um dos artigos da série *Problema Vital* publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* ao longo de 1918, o escritor Monteiro Lobato expressa sua inquietação com uma questão: como levar à população, de maneira ampla, as noções simples de profilaxia da ancilostomose?

“(…) se é assim destruidor o parasito em causa, nada mais facil do que combate-lo.

Bastam apenas duas coisas: defender os pés contra a infecção pelo uso dos sapatos, e evitar a infecção pelo uso da fossa.

Facilimo e dificilimo.

Como calçar este país, unico no mundo, fora as populações selvagens da Africa, que ainda anda de pé-no-chão?

Como inocular na inteligencia bruxoleante do povo a necessidade da fossa?

Seria uma tarefa talhada ás camaras municipais e aos inspetores de bairro – em contacto direto como vivem eles com a gente assolada. Mas de que modo convencer a um coronel prefeito de camara, ou tenente inspetor de quarteirão, da existencia, vida, costumes e atividades de um verme que ele não vê? Estes espíritos fortes só creem no que seus olhos enxergam...

Disto resulta dificilima a extinção dum mal de facilima extinção.”¹¹¹

¹¹¹ M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, pp. 235-6.

A vila de São Paulo teve, à semelhança da maioria dos povoados e vilas coloniais, espaço bastante reduzido para a cultura impressa. A cidade, pacata em 1828, teve esta qualidade como um dos elementos que levaram à instalação, em São Paulo, da faculdade de Direito, instituição responsável pela transformação na relação da cidade com as letras. A Academia de Direito do Largo de São Francisco, local onde conviviam professores e estudantes, passou a formar os doutores, literatos, deputados e jornalistas que comporiam os quadros da política municipal, provincial e também os contatos com a capital do Império.¹¹²

O curso jurídico articulou espaços de cultura, como casas livreiras, sociedades literárias e bibliotecas. Das primeiras tipografias da cidade saíram jornais políticos e revistas acadêmicas, que contribuíram para o estabelecimento da imprensa periódica na cidade de São Paulo. Mantidos por pequeno círculo de assinantes, sérios e sisudos, esses periódicos constituíram espaço de discussão para os intelectuais oriundos da academia, e a eles estavam limitados. A cultura letrada ocupava um espaço ainda bastante reduzido no cotidiano urbano.¹¹³

As duas décadas finais do século XIX presenciaram o início da intensa urbanização paulistana e, em meio às necessidades do comércio em expansão e da emergente publicidade, a escrita começou a tornar-se presente na vida cotidiana da cidade. Por volta de 1890, 80% da população brasileira era analfabeta; no estado de São Paulo, todavia, essa porcentagem diminuiu em virtude do trabalho realizado, ainda antes da proclamação da República, pelas escolas noturnas maçônicas e por

¹¹² H. de F. Cruz, *São Paulo em Papel e Tinta*, pp. 49-51.

¹¹³ *Ibid.*, pp. 51-5.

entidades laicas particulares. Tal trabalho teve prosseguimento com a implantação de uma rede de escolas públicas disseminadas pelo estado, e como consequência ocorreu o aumento da rede de potenciais leitores.¹¹⁴

A autonomia paulista, fruto da República Federativa, permitiu ao estado a reorientação de sua política educacional, de forma que o ensino primário adotou como prioridade alfabetizar a população recém-saída de um regime escravocrata. Em 1920, no Brasil, 65 pessoas em cada 100 eram analfabetas; no estado de São Paulo, a proporção de analfabetismo era de 58 pessoas em 100; e por fim, na capital paulista, a taxa de analfabetismo entre a população adulta era de 28%.¹¹⁵ O esforço paulista em prol da instrução, e também da saúde, não passou despercebido a Belisário Pena, que registrou, em *Saneamento do Brasil*:

“Em vez das nossas estradas de ferro percorrerem extensas regiões doentias, pouco habitadas e improdutivas, com enorme dispendio de carvão ou de lenha, o que é peor; de material fixo e rodante; de lubrificante e pessoal, com os carros vãos ou quase, percorreriam regiões menores, porém productivas, ricas, saudáveis e prosperas, com menor dispendio e grande rendimento, embora reduzidos os fretes. Até certo ponto é o que se observa em S. Paulo, cujo progresso é devido, em grande parte, aos cuidados que dos seus clarividentes estadistas têm merecido a instrução e a saúde pública. É que S. Paulo, na frase feliz de um jovem cientista que o percorreu, é como que uma nação culta encravada no território brasileiro.”¹¹⁶

É muito difícil, conforme escreve Heloísa de Faria Cruz, avaliar a difusão da imprensa escrita e a formação de um público leitor na virada do século XIX para o XX. Os dados quantitativos sobre a circulação de periódicos são descontínuos e

¹¹⁴ A. L. Martins, *op. cit.*, p. 199.

¹¹⁵ Há que se ter cuidado na leitura dos dados estatísticos apresentados. O recenseamento da época se limitava apenas a perguntar se o indivíduo sabia ler e escrever. *Ibid.*, pp. 200-7.

¹¹⁶ Trecho do segundo capítulo da primeira parte de *Saneamento do Brasil*, no qual Penna discorre sobre investimentos em educação, saúde e infra-estrutura. B. Penna, *Saneamento do Brasil*, p. 19.

raros; até a segunda década do século XX os jornais e revistas não traziam informações sobre circulação, tiragem, número de assinaturas e vendas avulsas, entre outros dados. Ao ser considerado que em São Paulo a difusão dessa imprensa ocorria por meio de assinaturas – a forma mais usada de distribuição dos jornais e revistas da época – e que as publicações conquistavam o interior do estado, é possível estimar, apesar da precariedade, uma expansão qualitativa do público leitor. Existe o indício de um avanço contínuo e significativo, nas primeiras décadas do século passado, de conquista de novos leitores.¹¹⁷

A expansão da imprensa escrita vai além dos números absolutos de tiragem ou da porcentagem da população atingida. A imprensa, à época da virada do século, começa a ter como destinatários grupos específicos, como estudantes, apreciadores de arte, trabalhadores gráficos, ou grupos mais generalizados, como a mulher brasileira, a família, o comércio e o povo, atingindo diversos grupos sociais; o jornalismo se desprendera da academia para se aproximar da vida urbana. Em busca de maior público, os jornais e revistas da época acolheram os projetos, interesses e gostos das novas camadas urbanas.¹¹⁸

A conquista de novos leitores pela imprensa periódica paulistana, entre os anos 1900 e 1920, levou o estado de São Paulo à primeira colocação, dentro da federação, em relação à circulação de periódicos. Em um contexto de expansão do comércio, à busca por meios de divulgar seus serviços e produtos e fazê-los chegar ao conhecimento do público, e em meio à expansão da imprensa escrita, na cidade

¹¹⁷ H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, pp. 137-40.

¹¹⁸ *Ibid.*, pp. 141-8.

de São Paulo do início dos anos 1900 a publicidade encontrou espaço para seu desenvolvimento, à semelhança do que ocorria na cidade do Rio de Janeiro.¹¹⁹

Os anúncios lacônicos, objetivos e diretos – à semelhança dos classificados atuais – foram hegemônicos em um primeiro momento da publicidade,

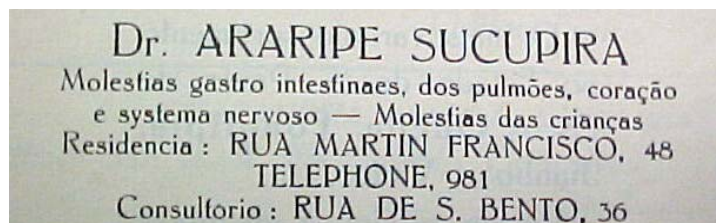


Fig. 1 - reclame publicado na revista A Cigarra nº 13, de 1914

conforme escreve Ana Luiza Martins, e sua preocupação era oferecer, ao leitor, a informação do que havia no mercado. Em um segundo momento os recursos visuais passam a serem utilizados, destacando o texto e destacando também imagens voltadas à divulgação de tônicos revigorantes, farmacopéias da mulher e a prestação de serviços de firmas rápidas e modernas. Aparecem também os depoimentos de usuários satisfeitos com o uso bem-sucedido de tais produtos¹²⁰, como ilustrado no anúncio exposto a seguir:

¹¹⁹ *Ibid.*, pp. 148-52.

¹²⁰ A. L. Martins, *op. cit.*, pp. 253-4.



EM BENEFICIO DE TODOS

O Sr. Antonio Corrêa da Silva, conceituado negociante em S. Sebastião, entusiasmado com os ótimos resultados colhidos com o uso do *Peitoral de Angico Pelotense*, dignou-se enviar ao Depositario geral o seguinte attestado:

Attesto em beneficio de todos, que tenho usado, e com o melhor result do possível, o poderoso *Peitoral de Angico Pelotense*, formula do habil pharmaceutico Dr. Domingos da Silva Pinto e preparado na drogaria do Sr. Eduardo Candido Sequeira, de Pelotas, contra constipações, tosses, bronchites, etc., e, por estar satisfeitissimo com a cura tão prompta por este efficaz remedio, faço a presente declaração, assignando-a.

D. Pedrito, 7-6-1097. *Antonio Correia da Silva.*

Vende-se em todas as pharmacias, drogarias e casas de commercio. — Fabrica e deposito geral: Drogaria Eduardo C. Sequeira. — PELOTAS.

Fig. 2 – anúncio com testemunhal publicado na revista Fon-Fon de 20 de julho de 1914.

A publicidade passou a influenciar a mentalidade do período, ao motivar o comportamento do novo cidadão. O periodismo, tornado veículo dessa publicidade, levando-a ao público, viu-se também dependente da venda de espaços publicitários a comerciantes, leiloeiros, cinematógrafos e firmas de importação, entre outros – de tudo, enfim, que era novo e que precisava estar no mercado.¹²¹ Comerciantes e fabricantes, todavia, tendo urgência em expor seus produtos e serviços, começam a

¹²¹ *Ibid.*, p. 264.

editar materiais próprios. Estabelecimentos como charutarias, casas lotéricas, empórios, por exemplo, e mesmo produtos, como cosméticos e xaropes, lançam (desde antes da virada do século) pequenos jornais, como se fossem de órgãos de interesse público, destacando seus produtos e suas qualidades.¹²²

Nesse movimento de comerciantes e fabricantes começam também a aparecer os almanaques anuais, como os da livraria Mellilo e os da Companhia Antarctica.¹²³ A respeito de almanaques, ao longo do século XIX eram comuns no Brasil os de cidades, contendo informações sobre as mesmas, como tarifas de correios, horários de trens, tabelas de preços; eram comuns, também, almanaques religiosos contendo preces e dias de santos. A partir do século XX se destacam os almanaques de farmácias e laboratórios: traziam informações sobre doenças e se dedicavam a divulgar medicamentos, sendo que os almanaques *Saúde da Mulher*, *Bromil*, *Capivarol* e *Biotônico Fontoura* alcançaram grande popularidade.¹²⁴

Durante o período estudado nesta dissertação os anúncios¹²⁵ passaram a constituir parte importante de um periódico de sucesso, articulando-se cada vez mais com as publicações que os exibiam. Entre os anos 1900 e 1910 a diagramação

¹²² H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, pp. 152-4.

¹²³ *Ibid.*, pp. 154-5.

¹²⁴ M. B. Park, *op. cit.*, pp. 67-72.

¹²⁵ Atualmente, logo ao início de um curso de graduação em comunicação social, com habilitação em publicidade e propaganda, são estabelecidas duas “categorias” de comunicação: uma é a publicidade, que trata da comunicação com um caráter predominantemente comercial, destinada a vender um produto ou um serviço, por exemplo. A outra “categoria”, a propaganda, trata da comunicação com um caráter político, ideológico. No caso desta dissertação, alguns dos anúncios selecionados são peças publicitárias que apresentam um caráter ideológico, ao difundirem idéias de uma Ciência que começava a estar presente no cotidiano. As peças de publicidade analisadas nesta dissertação não são, ainda assim, tratadas por “propaganda”, mas sim pelo mesmo termo utilizado à época e ainda atual: anúncios.

das publicações separa rigidamente o espaço destinado à publicidade do espaço



Fig. 3 – página da revista *A Cigarra* nº 9, de 1914. O texto, afirmando que *A Cigarra* é a revista de maior circulação no estado de São Paulo (tendo atingido a elevada tiragem de 25 000 exemplares), convida o comércio a anunciar nas páginas da revista, de modo que aumente a venda de seus produtos.

destinado ao corpo editorial. Os anúncios aparecem em bloco, seja nas primeiras, centrais ou últimas páginas da revista, constituindo um corpo estranho ao projeto geral da revista. Aos poucos algumas publicações passam a inserir anúncios entre uma e outra matéria, de modo que já na década de 1920 os periódicos exibiam seus anúncios misturados aos conteúdos.¹²⁶

Por essa época eram comuns, também, reportagens bem elaboradas sobre estabelecimentos comerciais e industriais da capital e do interior. As qualidades e os serviços das instituições – que apregoavam a seriedade e cientificidade de seus processos de produção – sob a forma de matéria, constituíam peças publicitárias eficientes; a distinção entre a publicidade e a notícia tornou-se mais sutil. Ao redor dos anos 20 já não predominavam os depoimentos atestando a eficácia de um produto ou a idoneidade de um estabelecimento; por sua vez, charges, fotos e desenhos passaram a compor cada vez mais a mensagem publicitária. Os reclames se tornaram um excelente exercício para os ilustradores, com charges, caricaturas e fotografias mais presentes, dando mais visibilidade aos anúncios.¹²⁷

¹²⁶ H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, pp. 157-8.

¹²⁷ *Ibid.* pp. 158-9.

Ao longo dos primeiros anos do século XX, ainda em preto e branco, em formato pequeno, as propagandas de remédios começaram a se avolumar, o que foi possível de se comprovar durante consulta a revistas paulistanas e cariocas das primeiras décadas do século passado, como *A Cigarra*, *A Vida Moderna* e a revista *Fon-Fon*. Este incremento pode ser verificado em especial ao longo dos anos 1910, em termos de volume, no que respeita aos anúncios de remédios nas páginas das revistas.¹²⁸

Apresentando diversos anúncios de medicamentos, o almanaque *O Pharol da Medicina* retrata algumas das doenças combatidas à época. Em circulação desde 1887 (editado até a década de 1940), com tiragem de 100 mil exemplares, este almanaque era elaborado com o patrocínio da Drogaria Granado, do Rio de Janeiro, e distribuído gratuitamente em todo o Brasil. Anunciava os produtos da Casa Granado e trazia, entre outros textos, informações sobre doenças, anúncios de médicos, cartas de leitores curados e atestados escritos por médicos que haviam curado os doentes com os produtos Granado.¹²⁹ A doença mais combatida pelos anúncios do almanaque de 1909 era a sífilis, atacada por injeções antiblenorrágicas e águas cancerosas. Depuradores do sangue e elixires, destinados a restaurar as forças e nutrir a carne, eram seguidos, em termo de volume de anúncios, por tônicos, licores, óleos, pílulas e pós.¹³⁰

¹²⁸ Esta observação também é feita por Ramos e Marcondes em seu trabalho. Ver R. Ramos & P. Marcondes, *200 anos de propaganda no Brasil: do reclame ao cyber-anúncio*, p. 24.

¹²⁹ M. B. Park, *op. cit.*, pp. 74-7.

¹³⁰ Todos devidamente aprovados pela Inspetoria Geral de Higiene, conforme R. Ramos & P. Marcondes, *op. cit.*, p. 24. No entanto, durante a elaboração desta dissertação, não foi possível a comprovação de que a preocupação em declararem-se aprovados por algum órgão público era característica dos anúncios de medicamentos da época.

Uma vez analisados, ao longo desta dissertação, a preocupação do governo com a relação saúde/doença, apresentados os trabalhos dos médicos higienistas, apresentada a mudança de posição de Monteiro Lobato em relação ao Jeca Tatu e exposto o espaço que as propagandas de medicamentos ganharam na imprensa, chega o momento de se proceder à análise de peças publicitárias em termos do conteúdo, enfatizando a idéia de ciência. Esta idéia está presente no texto publicitário ao se valorizar o profissional, especialista na área médica; e ao se utilizar termos do jargão especializado, como princípios ativos e nomes de doenças. No caso específico de Monteiro Lobato e do *Jeca Tatuzinho*, somada à presença do doutor e de termos especializados, está a tentativa de se convencer o leitor por meio de procedimentos de laboratório, como por exemplo o uso de uma lente.

A análise dos anúncios de medicamentos e preparados veiculados em revistas, durante os primeiros anos do século XX, permite detectar características da argumentação presente nos textos da época. Em um primeiro momento os anúncios apenas destacam que o produto é eficaz contra uma grande série de doenças diversas, sem preocupação em atestar a veracidade do que diz, como por exemplo estes anúncios, da Iperbiotina Malesci, que apenas lista as doenças contra as quais seria eficaz, e do Pertussin:



Fig. 4 – anúncio da Iperbiotina, a atribuir-se propriedades terapêuticas. Revista Fon-Fon de 1º de janeiro de 1910.

Fig. 5 – publicidade do Pertussin, alegando ser eficaz contra diversas moléstias. Revista Fon-Fon de 20 de junho de 1914.



Ao longo dos anos 1910 os anúncios de medicamentos passaram a se valer da ciência em sua argumentação; na maioria dos casos, porém a ciência, ou a medicina, são apenas citadas, sem nenhum aprofundamento na argumentação. Vejamos o caso de três anúncios do preparado de fígado de bacalhau Vinol, dois de 1910, o terceiro de 1914. O primeiro apenas apregoa que há saúde em cada gota do produto, “um grande reconstructor e fortalecedor do corpo”, enquanto o segundo destaca que não há óleo no preparado. Já o anúncio posterior se preocupa em destacar, além da saúde presente em cada gota, a presença de “principios activos e medicinaes dos figados frescos de bacalhau”, esperando que o leitor possa compreender o que isso significa. De toda forma, a autoridade da ciência é chamada para o convencimento final. O “oleo nogento e prejudicial ao estomago” havia sido

extraído cientificamente, ou seja, sem interferir nos “principios activos e medicinaes”. Nesse caso a “ciência” propiciava um diferencial com relação a outros medicamentos (óleos de fígado de bacalhau) utilizados para o mesmo fim.



Fig. 7 – anúncio do Vinol, veiculado na revista Fon-Fon de 1º de janeiro de 1910.



Fig. 8 – anúncio do mesmo preparado, Vinol, veiculado na revista Fon-Fon de 2 de julho de 1910.




Fig. 9 – anúncio do Vinol, veiculado na revista Fon-Fon de 28 de março de 1914, a destacar o processo científico de extração do óleo.

Os anúncios testemunhais, sempre presentes na propaganda do começo do século passado, também apóiam sua argumentação na autoridade da ciência e do médico, ainda que de forma extremamente superficial, sem destacar em que se baseia tal autoridade. No anúncio exposto a seguir, testemunhos de médicos asseguram a eficiência do preparado Saúde da Mulher e do xarope Bromil, dos laboratórios Daudt & Lagunilla. Em particular, já em 1910 esta peça de publicidade destaca que os depoimentos são documentos científicos, e não simples afirmativas:

**Não são affirmativas suspeitas
São documentos científicos**


• •



Tenho recorrido ao preparado SAUDE DA MULHER, obtendo sempre beneficos resultados sobre as perturbações uterinas que têm surgido nos casos de minha clinica, e o recommendo, principalmente nos casos de irregularidades da função menstrual.

Manács, 25 de Novembro de 1909.

Dr. João Americo dos Santos Gouveia.



Joviniano Joaquim de Carvalho, doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia, etc. Attesto que tendo applicado o xarope peitoral BROMIL em caso de tosses rebeldes, tenho obtido os melhores resultados.

O referido é verdade, o que attesto em fé de meu gráo.

Rio, 10 de Dezembro de 1909.

Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho.

Laboratorio Daudt & Lagunilla

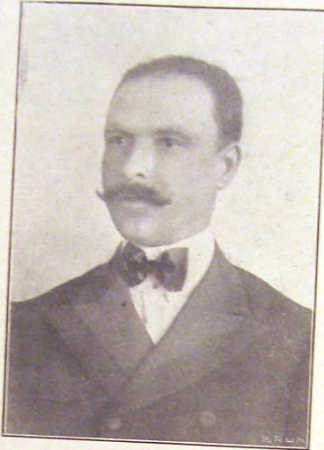
Depositarios: **Drogaria Pacheco – Araujo Freitas & C. – Granado & C.
Freire Guimarães & C. – Silva Gomes & C. – Costa Gaspar & C.
Julio d'Almeida & C. – Rodolpho Hess.**

Fig. 10 – anúncio do laboratório Daudt & Lagunilla, veiculado na revista Fon-Fon de 2 de julho de 1910.

O anúncio da figura 10 não deixa claro o que são os “documentos científicos” a que se refere; apresenta apenas o testemunho de médicos. Não se espera de um anúncio, de fato, que ele traga explicações aprofundadas sobre os conceitos que aborda. Nesse sentido, sabendo-se que trabalhos de cientistas, assim como as conclusões dos médicos que viajaram pelo país no começo do século XX, foram amplamente divulgados pela mesma imprensa que veicula os anúncios, os leitores destes devem coincidir com os leitores das matérias sobre ciência, em grande parte. Sendo assim, apenas citar termos como “ciência”, “científico” e “médico” deverá ser suficiente para dar assegurar a credibilidade do remédio junto ao leitor.

No ano de 1918 o xarope Bromil (agora do laboratório Daudt & Oliveira) veiculou mais um anúncio de tipo testemunhal; desta vez, tratou-se da reprodução da carta de um médico, Dr. Olympio Lyro, assinando como diretor do Serviço Sanitário do Estado do Espírito Santo. Serviços de saúde criados após os trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz ganham “status” de autoridade, e seus diretores podem testemunhar, com credibilidade, sobre medicamentos:

BROMIL cura tosse



Dr. OLYMPIO LYRIO, médico em Victoria (Espírito Santo)
que atesta a eficácia de *BROMIL*.

Srs. Daudt & Oliveira.

Attesto que tenho empregado, com muita eficácia e muito proveito, não só na clínica civil como hospitalar, o preparado dos Srs. Daudt & Oliveira denominado *Bromil*.

Dr. Olympio Lyrio
Director do Serviço Sanitário no Estado do Espírito Santo

Victoria, 9 de Abril de 1910.

DAUDT & OLIVEIRA — RIO

Fig. 11 – anúncio do Bromil, veiculado na revista Fon-Fon em 30 de novembro de 1918.

O laboratório Fontoura, de propriedade do farmacêutico Cândido Fontoura, em São Paulo, também estava presente em anúncios publicitários da época. Conforme será analisado mais à frente nesta dissertação, para divulgar seus produtos o laboratório publicou, adaptado por Monteiro Lobato, o *Jeca Tatuzinho*, peça que é um marco da publicidade brasileira.

Um dos produtos Fontoura, o Biotônico, também fez uso da autoridade dos clínicos “de maior nomeada” em sua publicidade. Veiculado em 1918, o anúncio a seguir destaca alguns dos ingredientes que compõem o preparado, assim como sua eficácia: indicado contra a anemia, contra a neurastenia e contra todas as doenças nervosas. A peça aqui exposta destaca, também, o fato de o Biotônico Fontoura ser aprovado pela Saúde Pública do Rio de Janeiro. À semelhança do anúncio anterior, do Bromil, também o anúncio do Biotônico busca agregar, para o produto, a credibilidade do serviço de saúde.



Só adquirireis força, vida e vigor, com o uso do rei dos fortificantes o

BIOTONICO FONTOURA

preparado com saes de ferro, arsenico e phosphoro, por methodo especial do pharmaceutico C. Fontoura — S. Paulo — recommendado pelos clinicos de maior nomeada e approved pela Saude Publica do Rio de Janeiro. E' o mais activo medicamento contra anemia, lymphatismo, neurasthenia e todas as molestias nervosas. Tomando este poderoso e notavel preparado, observareis o augmento de peso, variando de um a quatro kilos, no fim de 15 a 30 dias.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias.

Agencia geral: TH. PRADO COSTA, rua Acre, 92 — Caixa postal, 867 — RIO DE JANEIRO

Depositarios: Rio de Janeiro, *Bragança Cid & C.*, Rua Buenos Ayres n. 9 — Estado do Rio, *A. J. P. Barcellos*, Rua Visconde do Rio Branco n. 413 (Nichteroy) — Belo Horizonte, *João Ladeira Senna* (Pharmacia Ladeira), Rua S. Paulo n. 372 — Porto Alegre, *Corbetta e Termignone, & C.*, Rua Voluntarios da Patria n. 315 — Cuntuba, *Pharmacia Corrêa*, rua 15 de Novembro n. 31.

Fig. 12 – anúncio do Biotônico Fontoura. Fon-Fon, 8 de novembro de 1923.

O Biotônico Fontoura, além de curar diferentes doenças – e por isso mesmo – promete um aumento de peso, característica na época de uma pessoa saudável. Ganhar peso, com um alimento fortificante que livre das “perturbações intestinaes”, é o que também prometera o Barão do Rio Branco, numa peça publicitária do Manah.¹³¹



Fig. 13 – Anúncio do alimento fortificante Manah, veiculado na revista Fon-Fon em 16 de janeiro de 1909.

O Barão gordo e vendendo saúde personificou nesse anúncio, cerca de seis anos antes de seu surgimento, a antítese do inepto e molenga Jeca Tatu, apresentado ao mundo por Monteiro Lobato em 1914¹³². No anúncio o barão apresentou ao menino a receita para se tornar forte e bonito. Monteiro Lobato, por

¹³¹ R. Ramos & P. Marcondes, *op. cit.*, pp. 26-7.

¹³² Conforme exposto no capítulo I desta dissertação.

sua vez, curara o Jeca em 1920, aplicando os princípios propostos por Belisário Penna¹³³. Em 1925, ao tornar-se parte do material publicitário do Laboratório Fontoura, o *Jeca Tatuzinho* é adaptado para promover os produtos do laboratório, em especial o Biotônico Fontoura e a Ankilostomina.¹³⁴



Fig. 14 – Ilustração presente na primeira página de *Jeca Tatuzinho*.

“Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma.”

Com estas palavras começa a história da recuperação do Jeca Tatu¹³⁵, num pequeno almanaque que teve grande distribuição ao longo dos anos. A Cia. Gráfico-Editora, propriedade de Monteiro Lobato, faliu no mesmo ano de 1925 em que foi lançado o *Jeca Tatuzinho* adaptado para a publicidade. Conforme Azevedo, Camargos e Sachetta expuseram em seu trabalho, na ocasião da falência a empresa tinha em produção quatrocentas mil unidades do *Jeca Tatuzinho*,

¹³³ Conforme apresentado no capítulo II desta dissertação.

¹³⁴ C. L. de Azevedo, M. Camargos & V. Sachetta, *op. cit.*, p. 200.

¹³⁵ O texto e as ilustrações apresentados nesta dissertação são os da 35ª edição, de 1973.

encomendadas por Cândido Fontoura.¹³⁶ Em 1941 o livreto atingiu a marca de 10 milhões de exemplares; no ano de 1973, já eram 84 milhões de exemplares e, em 1982, por ocasião do centenário de nascimento de Monteiro Lobato, *Jeca Tatuzinho* ultrapassou a cifra de 100 milhões de exemplares distribuídos.¹³⁷

O Jeca é apresentado fraco e preguiçoso, desanimado, “tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa.” Bebia pinga, para esquecer as desgraças da vida, e era incapaz de tratar a berne que atacava o seu cachorro. “Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro.” Monteiro Lobato também não deixou de comparar o caipira ao imigrante europeu, naquele momento mais forte e produtivo: seu vizinho, italiano, com a vida bem resolvida, nem por isso deixava de trabalhar, e assim prosperava. A situação do Jeca começou a mudar quando um dia, procurando abrigo da chuva, chegou à sua casa um doutor.¹³⁸ Imediatamente diagnosticado como portador de ancilostomose, o doutor receitou ao Jeca a Ankilostomina Fontoura, não sem antes lhe explicar em qual caso seria recomendado o Maleitosan Fontoura:

- “- Amigo Jeca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma cansaça sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase.
- Anci... o que?
- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.
- Essa tal maleita não é sezão?

¹³⁶ C. L. de Azevedo, M. Camargos & V. Sachetta, *op. cit.*, pp. 146-7.

¹³⁷ Os dados referentes a 1941 estão em R. Ramos & P. Marcondes, *op. cit.*, p. 35. Os números referentes a 1973 estão impressos na capa da 35ª edição de *Jeca Tatuzinho*; os dados de 1982 são mencionados em C. L. de Azevedo, M. Camargos & V. Sachetta, *op. cit.*, p. 200.

¹³⁸ M. Lobato, *Jeca Tatuzinho*, p. 1.

- Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa.

A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA. Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você.

O doutor receitou um vidro de ANKILOSTOMINA FONTOURA, para tomar assim: seis comprimidos hoje pela manhã e outros seis amanhã de manhã.

- Faça isto duas vezes, com o espaço de uma semana. E de cada vez tome também um purgante de sal amargo, se duas horas depois de ter ingerido a ANKILOSTOMINA não tiver evacuado. E trate de comprar um par de botinas e alguns vidros de BIOTÔNICO e nunca mais me ande descalço e nem beba pinga, ouviu?

-Ouvi, sim, senhor!

- Pois é isso, rematou o doutor, tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei aqui de volta.

- Até por lá, sêo doutor!”¹³⁹

Interessante observar que, na versão anterior à adaptação, o doutor receita apenas “o remédio adequado”. E, conforme a indicação de Belisário Penna em *Saneamento do Brasil*, o doutor adverte o Jeca a deixar imediatamente a bebida e a nunca mais andar descalço. Ainda que desconfiado da ciência, Jeca largou a bebida e comprou um par de botinas.¹⁴⁰

O doutor instruíra o caboclo a debelar a doença e a ganhar peso e força. Em uma segunda visita, após Jeca tomar a Ankilostomina prescrita e também o Biotônico Fontoura, para se fortalecer, o médico mostra ao Jeca, com uma lente de aumento, os vermes eliminados. Sem acreditar que aqueles bichos entrassem em seu corpo pelo pé, Jeca fez o doutor tomar uma atitude: pediu-lhe que se

¹³⁹ *Ibid.*, pp. 3-4.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 4.

descalçasse e andasse em um lugar úmido. Após, pediu ao Jeca que examinasse o próprio pé com uma lente de aumento:

“Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

- E não é que é mesmo? Quem "haverá" de dizer!...

- Pois é isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência.

- Nunca mais! Daqui por diante dona Ciência está dizendo, Jeca está jurando em cima! T'esconjuro! E pinga, então, nem para remédio...”¹⁴¹



Fig. 15 – O doutor mostra os ancilóstomos para o Jeca.

Três meses depois, conforme previra o doutor, a Ankilostomina e o Biotônico curaram completamente o Jeca. Ativo, trabalhador, Jeca prosperou e superou o seu vizinho italiano. Cuidou de suas terras e criou duas fazendas, que receberam os nomes dos remédios que o haviam curado. O caboclo demonstrava tamanha fé no calçado que até seus animais passaram a usar botinas, de modo que servissem de

¹⁴¹ *Ibid.*, pp. 4-6.

exemplo à caipirada bronca. Aprendeu inglês e trouxe dos Estados Unidos as últimas tecnologias. Jeca enriqueceu e ganhou respeito na região onde morava.¹⁴²



Fig. 16 – O Jeca saudável e próspero; todos utilizam calçados, inclusive as galinhas e o porco.

Preocupado em cuidar da saúde da vizinhança, Jeca Tatu instalou postos de Ankilostomina pelas redondezas, a fim de curar os doentes de amarelão. Receitava outros produtos do laboratório Fontoura, como o Gripargil para os gripados e Fontol para quem estivesse impossibilitado de trabalhar por uma dor de cabeça. Com Detefon, “o grande liquida-insetos”, Jeca se livrou de pulgas, percevejos e mosquitos, entre outros insetos transmissores de moléstias; morreu aos 89 anos, após passar a vida cuidando da gente da roça. Monteiro Lobato termina o *Jeca Tatuzinho* com um recado às crianças:

“Meninos: nunca se esqueçam desta história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jéca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas. Além de ser para eles um grande benefício, é para

¹⁴² *Ibid.*, pp. 6-11.

“você um alto negócio. Você verá o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente.

Ora, ter mais saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí. E o grande remédio que combate o amarelão, esse mal terrível que tantos braços preciosos rouba ao trabalho, é a ANKILOSTOMINA. Assim como o grande conservador da saúde, que produz energia, força e vigor, chama-se BIOTÔNICO FONTOURA.”¹⁴³

Recuperando o Jeca Tatu, tornando-o saudável, forte, próspero, e incumbindo-o de ensinar aos familiares e aos próximos os conceitos de saúde e higiene que aprendeu com a ciência, Monteiro Lobato pensava ter encontrado um caminho, um remédio para ajudar a curar o “Brasil doente”.

¹⁴³ *Ibid*, pp. 11-2.

CONCLUSÃO

O Brasil e sua população foram temas recorrentes de diferentes estudos ao longo dos dois últimos séculos, e durante certo tempo perduraram opiniões diversas a respeito da constituição da população. Uma delas condenava a miscigenação ocorrida no país, por degenerar a raça brasileira e, por conseguinte, impossibilitar a prosperidade da nação; se não a miscigenação, seria o clima insalubre dos trópicos o responsável por debilitar os brasileiros. Cada uma destas correntes de pensamento possuía seus defensores com argumentos sempre baseados na ciência.

Com a intenção de fazer o levantamento das condições sócio-econômicas e epidemiológicas em áreas de atuação de órgãos do governo, as expedições ao interior do Brasil promovidas pelo Instituto Oswaldo Cruz trouxeram resultados que mudaram a idéia a respeito do mestiço. As conclusões apresentadas nos relatórios dessas viagens, em particular no relatório assinado por Penna e Neiva, mostraram que grande parte da população brasileira estava doente. A discussão envolvendo a miscigenação ou o clima perdeu então importância, ao menos no caso analisado ao longo desta dissertação, envolvendo a força e a produtividade do caboclo (já a eugenia, por exemplo, contemporânea das idéias de higiene e saneamento,

prossegue com tais debates). Ficara demonstrado serem o abandono e a doença as causas das mazelas de um povo brasileiro desanimado e ignorante.

O relatório, primeiro documento a propagar as opiniões dos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, tende a ficar, por própria natureza, restrito aos pares de quem o escreveu. Tencionando levar seu diagnóstico sobre as condições da população do interior do Brasil para além de seus pares, Penna escreveu, entre novembro de 1916 e janeiro de 1917, uma série de artigos publicados no jornal carioca *Correio da Manhã*. Posteriormente essa série, acompanhada de uma segunda parte – na qual o autor detalha aspectos, tratamento e profilaxia das doenças citadas – formou o livro *Saneamento do Brasil*, publicado em 1918. Os artigos e o livro destinavam-se a um público não-especializado, mas ainda restrito, parte de uma elite alfabetizada e urbana capaz de adquirir jornais ou o livro. As idéias dos médicos do Instituto Oswaldo Cruz continuavam, portanto, distantes da maioria da população.

O escritor Monteiro Lobato teve contato com os conceitos presentes nos artigos e no livro de Penna, o que o levou a modificar suas próprias idéias sobre o brasileiro habitante do campo. O escritor buscara, anteriormente, a confirmação de suas posições sobre a preguiça e a inépcia dos caipiras nas idéias expressas por pensadores como Agassiz, Gobineau e Le Bon, que consideravam a raça brasileira, miscigenada, incapaz de constituir uma civilização. Após o contato com as idéias de Penna, Lobato reviu suas convicções, redimindo o caipira.

Pela mão de Monteiro Lobato algumas das idéias propostas no *Saneamento do Brasil* aproximaram-se um pouco mais da população como um todo. A sua

personagem Jeca Tatu, antes um preguiçoso irremediável, está na verdade doente, e recebe a visita do doutor trazendo a ciência, ambos prontos a curá-lo e fazendo recomendações: tomar o remédio adequado, calçar os pés e deixar o álcool de lado. Ressabiado de início, o Jeca resolve seguir os preceitos “científicos” que lhe são indicados. Como resultado fica saudável, forte, prospera, supera o vizinho estrangeiro e se preocupa em assistir a população da região em que mora. Monteiro Lobato, imbuído de uma vontade sincera de ensinar ao caboclo uma série de medidas que pudessem mudar sua vida, preparou o *Jeca Tatuzinho* com a intenção de levar, à população do sertão, noções de saúde e profilaxia do amarelão. A linguagem utilizada é mais acessível, e o texto não está limitado às palavras: ilustrações acompanham cada trecho do *Jeca Tatuzinho*, facilitando o entendimento de uma população ainda, em grande parte, iletrada.

A amizade de Monteiro Lobato com o farmacêutico Cândido Fontoura o convenceu a fazer uma adaptação no *Jeca Tatuzinho*. Em uma época em que a publicidade começava a se valer de palavras como “ciência” e “científico” para dar credibilidade a seus anúncios, um texto como o do *Jeca Tatuzinho*, originado nas idéias de um cientista, com argumentação baseada na presença do doutor e da ciência, poderia ser adequado à venda de medicamentos. Lobato, que pretendia mudar as condições de vida da população, associou-se com seu amigo Fontoura, que pretendia vender os seus produtos.

O texto de *Jeca Tatuzinho* foi adaptado, para que nele aparecessem a Ankilostomina e o Biotônico Fontoura, e em segundo plano outros produtos do Laboratório Fontoura, como o Gripargil, o Fontol e o Detefon. O *Jeca Tatuzinho*

constitui um símbolo da publicidade brasileira, um caso de enorme sucesso. O livreto ensinava a profilaxia da ancilostomose, com conceitos simples, como usar botina, e ensinava, ainda, que a preguiça e o desânimo eram originados pela doença. O modo de vencê-la era consumindo os produtos oferecidos pelo Laboratório Fontoura.

O objetivo da publicidade do Laboratório Fontoura, gerar vendas e receitas, levou a um grande investimento na publicação e distribuição do *Jeca Tatuzinho*. Permitiu, assim, que o texto de Monteiro Lobato, cujo objetivo era conscientizar e melhorar as condições de vida da população, alcançasse um grande número de pessoas. O *Jeca Tatuzinho* foi distribuído por todo o Brasil. Os mais de 100 milhões de exemplares impressos permitem concluir que, se não alcançou todo o sertão brasileiro, a mensagem da ciência nele contida alcançou ao menos parte desse sertão.

ANEXO 1

JÉCA TATÚ A RESSURREIÇÃO¹⁴⁴

I

Jéca Tatú era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jéca Tatú passava os dias de cocoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem animo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem moveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de tres pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

- Que grandíssimo preguiçoso!

II

Jéca Tatú era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.

¹⁴⁴ M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, pp. 329-40.

- Por que não traz de uma vez um feixe grande? perguntaram-lhe um dia.

Jéca Tatú coçou a barbicha rala e respondeu:

- Não paga a pena.

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar arvores de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.

- Por que você bebe, Jéca? diziam-lhe.

- Bebo para esquecer.

- Esquecer o quê?

- Esquecer as desgraças da vida.

E os passantes murmuravam:

- Além de vadio, bebado ...

III

Jéca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abobora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jéca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.

Jéca possuía ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarmento, mas bom companheiro e leal amigo.

Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois apesar dos ganidos do cachorro, Jéca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por que? Desanimo, preguiça...

As pessoas que viam aquilo, franziam o nariz.

- Que criatura imprestável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

IV

Jéca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jéca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jéca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.
- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?
- É que ele mata.
- E por que você não faz o mesmo?

Jéca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

- *Quá!* Não paga a pena ...
- Além de preguiçoso, bebado; e além de bebado, idiota, era o que todos diziam.

V

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo.

- Amigo Jéca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de anquilostomíase.
- Anqui... o quê?
- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.
- Essa tal maleita não é sezão?

- Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa, está entendendo? A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio, ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. O que você tem é outra coisa. É amarelão.

VI

O doutor receitou-lhe o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”

-Ouvi, sim, senhor!

- Pois é isso, rematou o doutor, tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei de volta.

- Até por lá, são doutor!

Jéca ficou cismando. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras.

Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal...

VII

Quando o doutor voltou, Jéca estava bem melhor, graças ao remédio tomado. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas:

- Veja, são Jéca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais *anquilostomos*, uns bichinhos dos lugares húmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne a dentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês. Tomando este remédio você bota p'ra fora todos os *anquilosotmos* que tem no corpo. E andando sempre calçado,

não deixa que entrem os que estão na terra. Assim fica livre da doença pelo resto da vida:

Jéca abriu a boca, maravilhado.

- Os anjos digam amém, sêo doutor!

VIII

Mas Jéca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era "positivo" e dos tais que "só vendo". O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar humido, atrás de casa, e disse:

- Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jéca obedeceu.

- Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com essa lente.

Jéca tomou a lente, olhou e percebeu varios vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

- E não é que é mesmo? Quem "havera" de dizer!...

- Pois é isso, sêo Jéca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência.

- Nunca mais! Daqui por diante nha Ciência está dizendo e Jéca está jurando em cima! T'esconjuro! E pinga, então, nem p'ra remédio...

IX

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Tres meses depois ninguém mais conhecia o Jéca.

A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor. Era *pan, pan, pan*... horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair.

Jéca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de tres alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano.

- Descanse um pouco, homem! Assim você arrebenta... diziam os passantes.

- Quero ganhar o tempo perdido, respondia ele, sem largar do machado. Quero tirar a prosa do "intaliano".

X

Jéca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.

- Onça! Exclamou ele. É onça e eu aqui sem nem uma faca!...

Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-lhe tamanho murro na cara, que a bicha rolou no chão, tonta. Jéca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a.

- Conheceu, papuda? Você pensa que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei remedio do bom e uso botina ringadeira...

A companheira da onça, ao ouvir essas palavras, não quis saber de historias – azulou! Dizem que até hoje está correndo...

XI

Ele, que antigamente só trazia tres pausinhos, carregava agora cada feixe de lenha que metia medo. E carregava-os sorrindo, como se o enorme peso não passasse de brincadeira.

- Amigo Jéca, você arrebenta! diziam-lhe. Onde se viu carregar tanto pau de uma vez?

- Já não sou aquele de dantes! Isto para mim agora é canja, respondia o caboclo sorrindo.

Quando teve de aumentar a casa, foi a mesma coisa. Derrubou no mato grossas perobas, atorou-as, lavrou-as e trouxe no muque para o terreiro as tóras todas. Sozinho!

- Quero mostrar a essa paulama quanto vale um homem que tomou remedio de Nha Ciencia, que usa botina cantadeira e que não bebe nem um só martelinho de cachaça!

O italiano via aquilo e coçava a cabeça.

- Se eu não tropicar direito, este diabo me passa na frente, *Per Bacco!*

XII

Dava gosto ver suas roças do Jéca. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra. O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza.

O italiano abria a boca, admirado, e confessava nunca ter visto roças assim.

E Jéca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

- Mas para que tanta roça, homem? ele respondia:

- É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel...

E ninguém duvidava mais. O italiano dizia:

- E forma mesmo! E vira mesmo coronel! *Per la Madonna!*...

XIII

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo com a transformação de seu doente.

Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.

Jéca o recebeu de braços abertos e apresentou-o á mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando, contentes como passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora!

- Isso também é demais, são Jéca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

- Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles vêm aqui, vêm isso e não se esquecem mais da história.

XIV

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jéca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, *fon-fon! fon-fon! ...*

As estradas eram pessimas; mas ele consertou-as á sua custa. Jéca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.

- Quero falar a língua dos bifes para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa.

O seu professor dizia:

- O Jéca só fala inglês agora. Não diz porco; é *pig*. Não diz galinha; é *hen*... Mas de alcool, nada. Antes quer ver o demônio do que um copinho da "branca"...

XV

Jéca só fumava charutos fabricados especialmente para ele, e só corria as roças montado em cavalos arábicos de puro sangue.

- Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um "estranha" legítimo, até na fala.

Na sua fazenda havia de tudo. Campos de alfafa. Pomares belíssimos com quanta fruta há no mundo. Até criação do bicho-da-seda; Jéca formou um amoreiral que não tinha fim.

- Quero que tudo aqui ande na seda, mas seda fabricada em casa. Até os sacos aqui da fazenda têm que ser de seda, para moer os invejosos...

E ninguém duvidava de nada.

- O homem é mágico, diziam os vizinhos. Quando assenta de fazer uma coisa, faz mesmo, nem que seja um despropósito...

XVI

A fazenda do Jéca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jéca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão, e um repuxo de milho atraía todo o galinheiro!...

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe.

Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio.

- Quero aqui desta varanda ver tudo o que se passa em minha fazenda.

E tanto fez, que viu. Jéca instalou os aparelhos, e assim pôde, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio do telescópio, o que os camaradas estavam fazendo.

XVII

Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários Postos de Maleita, onde tratava os enfermos de sezões; e também Postos de anquilostomose, onde curava os doentes de amarelão e outras doenças causadas por bichinhos nas tripas.

O seu entusiasmo era enorme. "Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia ele. Meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia que devora o brasileiro..."

E a curar gente da roça passou Jéca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estatua, nem grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda morreu de consciência mais tranquila. Havia cumprido o seu dever até o fim.

XVIII

Meninos: nunca se esqueçam desta história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jéca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande benefício, é para você um alto negócio. Você verá o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí.

NOTA¹⁴⁵

Esta pequena história teve um curioso destino. Adotada por Candido Fontoura, esse homem de visão tão penetrante, para propaganda de seus preparados medicinais contra a malária e a opilação, vem sendo espalhada pelo

¹⁴⁵ Esta nota está colocada, na edição consultada, logo após o final de Jeca Tatu – a ressurreição. M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p. 340.

país inteiro na maior abundancia. As tiragens já alcançaram quinze milhões de exemplares – e prosseguem. Não ha recanto do Brasil, não há fundo de sertão, onde quem sabe ler não haja lido o “Jecatatzinho”, que é o nome popular da história por causa do pequeno formato das edições distribuidas. E desta forma, graças á ação de Fontoura, as noções dadas no “Jecatatzinho” sobre as origens da malária e da opilação já entraram no conhecimento do povo roceiro, habilitando milhares e milhares de criaturas a se defenderem e também a se curarem, quando por elas alcançados.

ANEXO 2

JECA TATUZINHO¹⁴⁶

¹⁴⁶ M. Lobato, *Jeca Tatuzinho*, pp. 1-12.



I

JECA TATU era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapê. Vivava na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto, corria um ribeirão, onde ele pescava de quando em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E, assim, ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos, que passavam por ali, murmuravam:

— Que grandíssimo preguiçoso!

II

Jeca Tatu era tão fraco que, quando ia lenhar, vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.

— Por que não traz de uma vez um feixe grande? — perguntaram-lhe um dia.

Jeca Tatu coçou a barbiça rala e respondeu:

— Não paga a pena. Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de frutas, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

— Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

— Mas como é que seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

— É que ele mata.

— E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiu por entre os dentes, e vinha sempre com a mesma história:

— **Qual** Não paga a pena...

— Além de preguiçoso, bêbedo, e além de bêbedo, idiota, era o que todos diziam.

V

Um dia um doutor portou lá por



3

— Por que você bebe, Jeca? diziam-lhe.
— Bebo para esquecer.
— Esquecer o quê?
— Esquecer as desgraças da vida. E os passantes murmuravam:
— Além de vadio, bêbedo...

III

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.



Jeca possuía ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarnento, mas bom companheiro e leal amigo. Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois, apesar dos ganidos do cachorro, Jeca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por quê? Desânimo, preguiça...

As pessoas, que viam aquilo, franziam o nariz.

— Que criatura impréstável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

IV

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente, cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto, morava um italiano já bastante arranjado, mas que, ainda assim, trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?



2

A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o **MALEITOSAN FONTOURA**. Quem sofre de amarelão sara com a **ANKILOSTOMINA FONTOURA**. Eu vou curar você.

VI

O doutor receitou-lhe um vidro de **ANKILOSTOMINA FONTOURA**, para tomar assim: seis comprimidos hoje pela manhã e outros seis amanhã de manhã.

— Faça isso duas vezes, com espaço de uma semana. E de cada vez tome também um purgante de sal amargo, se duas horas depois de ter ingerido a **ANKILOSTOMINA** não tiver evacuado. E trate de comprar um par de botinas e alguns vidros de **BIOTÔNICO** e nunca mais me ande descalço, nem beba pinga, ouviu?

— Ouvi, sim, senhor!

— Pois é isso, rematou o doutor,



tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei aqui de volta.

— Até por lá, seu doutor!

Jeca ficou cismando. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringdeiras.

Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal.

VII

Quando o doutor voltou, Jeca estava bem melhor, graças à **ANKILOSTOMINA** e ao **BIOTÔNICO**. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas:

— Veja, seu Jeca, que bicharia tremenda estava você a criar na barriga! São os tais **ancilóstomos**, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês.



4

Tomando a ANKILOSTOMINA, você bota fora todos os ancilóstomos que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Fazendo isso e fortalecendo-se com alguns vidros de BIOTÔNICO, ovos e leite, você fica livre da doença, para sempre.

Jeca abriu a boca, maravilhado.
— Os anjos digam amém, seu doutor!

VIII

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era "positivo" e dos tais que "só vendo". O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

— Tire a botina e aêde um pouquinho por aí.

Jeca obedeceu.

— Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

— E não é que é mesmo? Quem "havera" de dizer!...

— Pois é isso, seu Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência.

Nunca mais! Daqui por diante dona Ciência está dizendo. Jeca está jurando em cima! Tescojuro! E pinga, então, nem pra remédio!...

IX

Tudo o que o doutor disse acon-

teceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A ANKILOSTOMINA curou-o do amarelão. O BIOTÔNICO deixou-o bonito, corado, forte como um touro.

A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor.

Era, *pá, pá, pá...* horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair.

E Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão, para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano.



5



— Descanse um pouco, homem! Assim você arrebita... diziam os passantes.

— Quero ganhar o tempo perdido, respondia ele sem largar do machado. Quero tirar a prosa do "intaliano".

X

Jeca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.

— Onça! — exclamou ele. — É onça e eu aqui sem nem uma faca...

Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a

fera o atacou, ele ferrou-lhe tamanho murro na cara que a bicha rolou no chão, tonta. Jeca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a.

— Conheceu, papuda? Você pensa então que está lidando com algum pingüço opilado? Fique sabendo que tomei ANKILOSTOMINA e BIOTÔNICO e uso botina ringideira!...

A companheira da onça, ao ouvir essas palavras, não quis saber de histórias — azulou! Dizem que até hoje está correndo...

XI

Ele, que, antigamente, quando levava, só trazia três pauzinhos, carregava agora cada feixe que metia medo. E carregava-os sorrindo, como se o enorme peso não passasse

de brincadeira.

— Amigo Jeca, você arrebita! diziam-lhe. Onde se viu carregar tanto pau de uma vez?

— Já não sou aquele de dantes! Isto para mim agora é canja... respondia o caboclo, sorrindo.

Quando teve de aumentar a casa, foi a mesma coisa. Derrubou no mato grossas perobas, atorou-as, lavrou-as e trouxe no muque para o terreiro as toras todas. Sozinho!

— Quero mostrar a esta paulama quanto vale um homem que tomou ANKILOSTOMINA e BIOTÔNICO, que usa botina cantadeira e que não bebe nem um só martelinho de cachaça!

O italiano via aquilo e coçava a cabeça.

— Se eu não tropicar direito, este diabo me passa na frente. **Per Bacco!**



XII

Dava gosto ver suas roças. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afogar a terra. O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza.

O italiano abria a boca, admirado, e confessava nunca ter visto roças assim.

E Jeca já não plantava rocinhas, como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

— Mas para que tanta roça, homem? — ele respondia:

— É que agora quero ficar rico. Não me contento em trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui duas enormes fazendas — a Fazenda Ankilostomina e a Fazenda Biotônico. E hei de ser até coronel.

E ninguém duvidava mais. O italiano dizia:

— E forma mesmo! E vira mesmo coronel! **Per la Madonna!**...



XIII

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo com a transformação do seu doente.

Esperava que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.

Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos e viviam brincando, contentes como passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botina até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinhos nos pés! O galo, esse andava de bota e esporal!

— Isso também é demais, "seu" Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

— Bem sei. Mas quero dar um exemplo a essa caipirada bronca. Eles vêm aqui, vêem isso e não se esquecem mais da história.



8

XIV

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto num instantinho, buzinando pela estrada a fora, fon-fon! fon-fon!...

As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.

— Quero falar a língua dos bifes para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa.

O seu professor dizia:
— O Jeca só fala inglês agora.

Não diz porco; é pig. Não diz galinha; é hen... Mas de álcool, nada. Antes quer ver o demônio do que um copinho da "branca"...

XV

Jeca só fumava charutos fabricados especialmente para ele, e só corria as roças montado em cavalos árabes de puro-sangue.

— Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um "estranja" legítimo, até na fala.

Na "Fazenda Biotônico" havia de tudo. Campos de alfafa. Pomares belíssimos com quanta fruta há no mundo. Até criação do bichoda-seda: Jeca formou um amoreiral que não tinha fim.

— Quero que tudo aqui ande na seda, mas seda fabricada em casa.



9



Até os sacos aqui da fazenda têm que ser de seda, para moer os invejosos...

E ninguém duvidava de nada.
— O homem é mágico, diziam os vizinhos. Quando assenta de fazer uma coisa, faz mesmo, nem que seja um despropósito.

XVI

A "Fazenda Biotônico" tornou-se famosa no País inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da electricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão, e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava noutro botão, e um repuxo de milho atraía todo o galinham!

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe.

Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um aparelho de televisão.

— Quero, aqui desta varanda, ver tudo que se passa em minha fazenda.

E tanto fez que viu. Jeca instalou os aparelhos, e assim pôde, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio da televisão, o que os camaradas estavam fazendo.



10

XVII

Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários POSTOS DE ANKILOSTOMINA, onde curava os doentes de amarelão e outras verminoses.

E quando algum empregado estava resfriado ou gripado, Jeca arrumava-lhe alguns comprimidos de Gripargil; se sentia dor de cabeça, alguns comprimidos de Fontol, e imediatamente o homem estava bom e pronto para todo serviço.

O seu entusiasmo era enorme. "Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia. O meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia! Viva o Biotônico! Viva a Ankilostomina! Viva o Gripargil! Viva o Fontol!"

A estes vivas o Coronel Jeca aumentou mais um. Foi quando apa-

receu o grande "liquida-insetos" chamado DETEFON e ele o experimentou na muiçanha da fazenda: pulgas, percevejos, piolhos, baratas, pernilongos e moscas. Deixou aquilo lá sem um só bichinho para remédio.

Não contente com isso, Jeca tomou o hábito de nunca sair a cavalo ou de automóvel sem levar a tiroco ou a bomba de pulverizar o DETEFON. Entrava nos casebres de beira de caminho e antes do bom-dia punha-se a pulverizar tudo, coisas e gentes. Quando acabava dizia:

— Ninguém faz a conta dos males que estes bichinhos causam a humanidade como transmissores de moléstias... e dava mais umas bombadas de lambujem.

E a curar gente da roça passou Jeca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estátua, nem grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda morreu de consciência mais tranqüila. Havia cumprido o seu dever até o fim.



11



XVIII

Meninos: nunca se esqueçam desta história: e, quando crescerem, tra-

tem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas. Além de ser para eles um grande benefício, será para vocês um alto negócio. Vocês verão o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente.

Ora, ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo o mais vem daí. E o grande remédio que combate o amarelão, esse mal terrível que tantos braços preciosos rouba ao trabalho, é a ANKILOSTOMINA. Assim como o grande conservador da saúde, que produz energia, força e vigor, chama-se BIOTONICO FONTOURA.



12

BIBLIOGRAFIA

AGASSIZ, J. L. R. & E. C. Agassiz. *Viagem ao Brasil. 1865 – 1866*. Trad. de E. S. de Mendonça. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1938.

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. *O que é História da Ciência*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

____ & M. H. M. Ferraz. “Las miradas extranjeras/ autóctonas sobre la Terra Brasilis independiente: ciencia y salud entre el Imperio y la Republica”. In SARMIENTO, F. J. P., M. E. A. Pérez & M. R. Bueno, coords. *1898 sanidad y ciencia em España y Latinoamérica durante el cambio de siglo*. Madrid, Doce Calles, 1999.

____; M. H. M. Ferraz & S. F. de M. Figueirôa. “Diffuser les sciences << dans un océan d’analphabétisme >> : singularités brésiliennes”. In BENSAUDEVINCENT, B. & A. Rasmussen, orgs. *La science populaire dans l’apresse et l’edtion. XIX^e et XX^e siècles*. Paris, CNRS Éditions, 1997: 225-36.

ANGELO, C. “Doença de Jeca Tatu ganha primeira vacina”. São Paulo, *Folha de São Paulo* (1^o set. 2004), *FolhaCiência*, p. A 14.

AZEVEDO, C. L. de; M. Camargos & V. Sachetta. *Monteiro Lobato: furacão na botocúndia*. São Paulo, SENAC, 1997.

- BACHELARD, G. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.
- BARRIO, J. A. *As idéias e o projeto de Saturnino de Brito*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- BENCHIMOL, J. L. “Adolpho Lutz: um esboço biográfico”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 10 (1, janeiro-abr. 2003): 13-83.
- _____, coord. *Manguinhos do sonho à vida. A ciência na belle époque*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1990.
- BOARINI, M. L., org. *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá, Eduem, 2003.
- CADENA, N. V. *100 anos de propaganda*. São Paulo, Referência, 2001.
- CARRASCOZA, J. A. *A evolução do texto publicitário: a associação de palavras como elemento de sedução na publicidade*. São Paulo, Futura, 1999.
- _____. *Razão e sensibilidade no texto publicitário*. São Paulo, Futura, 2004.
- CASTAÑEDA, L. A. “Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação da eugenia”. *Episteme*, 3 (5, 1998): 23-48.
- _____. “Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl”. In *VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 1997, Rio de Janeiro. Anais do VI Seminário Nacional da SBHC*. Rio de Janeiro, SBHC, 1997: 252-260.
- CRUZ, H. de F. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo, EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial SP, 2000.

- _____, org. *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana, 1870 – 1930*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2000.
- CUNHA, E. da. *Os sertões*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1996 (Col. Didática).
- FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1999.
- GERBI, A. *O novo mundo: a história de uma polêmica (1750-1900)*. Trad. De B. Joffily. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1985.
- HOLLOWAY, T. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- HOUAISS, A. *Houaiss dicionário da língua portuguesa*. <http://houaiss.uol.com.br>, 12 de nov. de 2004.
- KLINTOWITZ, J. *A arte do comércio: São Paulo 1900/1930*. São Paulo, Senac, 1988.
- LE BON, G. *Leis psicológicas da evolução dos povos*. Rio de Janeiro, Universus, [s.d.].
- LIMA, H. *História da caricatura no Brasil*. 1963.
- LIMA, N. T. “Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V (suplemento, jul. 1998): 163-93.
- _____. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro, Revan, 1999.

- LISBOA, K. M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-18290)*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1997.
- LOBATO, M. *A Barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. [s.l.], Companhia Editora Nacional, 1944.
- _____. *Cartas escolhidas*. 1^o Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1959 (Col. Obras Completas de Monteiro Lobato, Vol. 16).
- _____. *Jeca Tatuzinho*. 35^a ed. São Paulo, Fontoura, 1973.
- _____. *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*. 3^a ed. São Paulo, Brasiliense, 1950 (Col. Obras Completas de Monteiro Lobato, Vol. 8).
- _____. *Problema vital*. São Paulo, Revista do Brasil, 1918.
- _____. *Urupês*. 37^a ed. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- LUCA, T. R. de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo, Editora da UNESP, 1999.
- MAIO, M.C. & R. V. Santos, orgs. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- MARCONDES, P. & R. Ramos. *200 anos de propaganda no Brasil. Do reclame ao cyber-anúncio*. São Paulo, Meio & Mensagem, 1995.
- MARTINS, A.L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001.
- MARTIUS, K. F. P. von & SPIX, J. B. von. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. São Paulo, Melhoramentos, 1976, 3 vols.

NONATO, J. A. & N. M. Santos, orgs. *Era uma vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.

PARK, M. B. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas/São Paulo, Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999 (Col. Histórias de Leitura).

PENNA, B. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1918.

____ & A. Neiva. “Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 8: 74-224.

READERS, G. *O conde de Gobineau no Brasil*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976 (Col. Ensaio).

Revista *A Cigarra*. Edições entre 1914 e 1920.

Revista *Fon-Fon*. Edições entre 1908 e 1926.

Revista *A Vida Moderna*. Edições entre 1909 e 1919.

RODRIGUES, N. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Salvador, Progresso, 1957.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*.

Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1975.

[s.a.]. *Fundo Belisário Penna*. Biblioteca Virtual Carlos Chagas. <http://www4.prossiga.br/Chagas/sobrech/sec/fontes/fontes-02-01.html>, 17 de março de 2005.

SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo, Hacker, 2001. (Coleção Comunicação).

- SANTOS, A. G. dos. *O projeto civilizatório de José Bonifácio para o Brasil do século XIX. Um estudo dos "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil"*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 2000.
- SANTOS, L. A. de C. "O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção de nacionalidade". *Dados*, 28 (2, 1985): 193-210.
- SCHWARCZ, L. K. M. "Dos males da medida". *Psicol. USP*, 8 (1, 1997); http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S013-65641997001000038&lng=pt&nrm=isso?ISSN0103-6564, 11 de jan. de 2004.
- _____. *O espetáculo das raças*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- SKIDMORE, T. E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Trad. de R. S. Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- STEFANO, W. *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva "mendeliana"*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- STEPAN, N. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro, Arte Nova, 1976.
- VIZZACARO-AMARAL, S. A. *A eugenia e o fim harmônico das diferenças: a imagem do corpo na medicina brasileira nas décadas de 20, 30 e 40*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.